

VERANEIO

— antologia literária —

Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel

(organizadores)

VERANEIO

— antologia literária —

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Huilação de capa:

CC0 License

V475 Veraneio: antologia literária. / Vários autores ; organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. — Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019.
100 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-08-1

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5. Verão. I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2019
www.jogodepalavras.com

Sumário

Reminiscências

Evandro Valentim de Melo 9

Verão na cidade

Alberto Arecchi..... 16

Agradável brisa de verão

Ana Carolina Nogueira Machado 23

Um doce de Verão

Meg Mendes..... 25

Um sonho de verão

Wilson Duarte..... 32

Maomé e a Montanha

João Pedro Marques 34

No dia em que eu morri

Larissa Ferreira..... 37

Trinta graus e cobertor

Léo Ottesen..... 39

Bate-volta

Patrícia Santos..... 41

A moça que desce a alameda

Rodrigo Mendes..... 48

O Cachorro e a Moça numa Tarde de Sol

Paulo Luís Ferreira52

Se fosse o Criador

Rodolfo Guimarães Neves55

Poema Romântico de Verão

Paula Franco58

Solares II

Anderson Mahin.....59

Na pele e nos poros

Ariane Ubiski Fagundes.....60

Verão

Aldirene Máximo.....62

Num país tropical...

Daniela Genaro.....64

Verão

David Ayuch Amar Neto65

Reverência

Diego Matheus de Menezes.....66

Amizade em cinco atos

Edih Longo67

Verão de minha infância	
<i>Edvan Ferreira Cajuby</i>	69
Pétalas de gelo	
<i>Emanoel Santos Fernandes</i>	70
Fardo de Fantine	
<i>Guilherme de Macêdo Feitosa</i>	71
Verão	
<i>Thiago William Rodrigues</i>	72
Bem-vinda	
<i>Guilherme Ferreira Silva</i>	73
Claros	
<i>Hélio Carlos da Silva Júnior</i>	74
Quando o coração é de Sol	
<i>José Renato Ferraz da Silveira</i>	75
Sol pleno	
<i>Vitor Aparecido Pereira da Costa</i>	76
O próximo verão	
<i>Tiago Arauto</i>	78
Um amor de verão	
<i>Thaís Costa Almeida</i>	79
Ode ao verão: areia, mar, sol e ondas	
<i>Tauã Lima</i>	81

Verão	
<i>Silvia Ferrante</i>	84
Sonhar, verão serei?	
<i>Paulo Ismar</i>	85
Soneto de verão	
<i>Nanci Otoni</i>	86
Ele é verão	
<i>Melory Diniz</i>	87
Amor de Veraneio	
<i>Mateus Pedrozo Oliveira</i>	89
Uma carta para o verão	
<i>Marina Gomes Silva</i>	90
Nuvem de algodão	
<i>Leverton José Veríssimo</i>	92
Sobre os autores	93

Reminiscências

Evandro Valentim de Melo

“Que calor insuportável!”. Era sexta-feira. Para fugir do sol inclemente, de um verão que trouxera consigo temperaturas elevadas como nunca antes na história deste país, ele preferiu caminhar pela parte posterior do comércio. Ao fazê-lo, descobriu um pequeno bar com mesas protegidas pelas copas de frondosas árvores, em que algumas pessoas tomavam chope. Um quê de irresponsabilidade o seduziu. “Por que não?”, pensou Camilo.

Enquanto a comunidade científica, mundo afora, debatia teses e antíteses acerca da interferência humana no aquecimento global, Camilo, resoluto, sacramentou: “Meu chefe que me desculpe, mas hoje, não trabalho mais”.

Ao decidir, o universo conspirou a seu favor. Um casal de namorados, que trocava olhares apaixonados e cochichava promessas impúblicáveis, desocupou uma das mesas. “Que sorte a minha!”. Camilo antevia a sensação refrescante do líquido que em breve lhe desceria goela abaixo. Poucos minutos depois, com a tulipa, que mais parecia uma obra de arte diante de si, Camilo sentia dor nas entranhas de tanta vontade de ingerir a bebida. A expressão de seu rosto lembrava o olhar de amor eterno que o casal de namorados trocava há pouco.

Prazer ‘orgástico’. “Amigo, mais um, por favor, que esse verão não está de brincadeira”. Suave torpor se apossou de Camilo, tal qual o sono depois do sexo. Perdeu a conta de quantos chopes sucederam à primeira tulipa. De repente, uma leve brisa visitou o local. Mesmo fraca, foi suficiente para que um fruto da árvore sob a qual se sentara lhe caísse à cabeça.

Camilo jamais ouvira falar em Teoria do Caos ou Efeito Borboleta, mas a decisão de não trabalhar, de ir àquele bar e se sentar exatamente ali, naquela tarde, tudo isso combinado com o choque do minúsculo fruto em sua cabeça, fez ruir as barreiras de contenção que lhe represavam toneladas de memórias até então esquecidas. Um grande deslizamento de recordações soterrou resquícios de preocupação pela falta vespertina ao trabalho, bem como quaisquer compromissos que ainda tivesse naquele restinho de dia.

Morro abaixo, graças ao chope gelado, as lembranças o empurraram para sua longínqua pré-adolescência, quando, em sua cidade natal, no interior de Minas Gerais, um de seus passatempos prediletos, juntamente à turma com quem se relacionava, consistia em azucrinar um jovem senhor, que vivia isolado em sua choupana, construída ao pé de um morro local.

Elton Doido: assim todos na cidadela se referiam a esse ermitão. A choupana e a área a seu redor eram impecavelmente conservadas. Ele se esmerava em cuidar de seu cafofo, talvez imaginando receber ilustres visitantes, quem sabe alienígenas. Elton, certamente, vivia fora da curva da “normalidade”; faltavam-lhe alguns parafusos no juízo. Incomum, esquisito, por isso mesmo, seus familiares lhe construíram a choupana o mais distante possível do centro da cidade, para que vivesse longe do estranhamento e dos medos que involuntariamente provocava.

Ainda que inúmeras vezes Elton tenha escalado o morro, e de seu cume, mirasse o firmamento por horas e horas, nunca se soube se algum extraterrestre deu as caras por lá. Todavia, Camilo e sua turma visitavam-no, com frequência, para o importunarem. Atirar bolos de lama e pedras nas paredes da maloca eram ritos obrigatórios quando passavam por lá, indo ou vindo. Quantas vezes os vidros da janela do

casebre de Elton foram quebrados. Tanto, que ele pediu aos familiares que não mais pusessem vidros novos.

Se por um lado, se economizava, de outro, as janelas sem proteção convidavam os meliantezinhos a novas traquinagens. Nas festas de São João, por exemplo, o lar outrora doce, de Elton, se transformava em alvo para bombardeio. Tal qual ocorre com os cães na virada do ano, ele sentia verdadeiro pavor pelo barulho das explosões. Paradoxalmente, a turminha do mal se dobrava de tanto rir, quando o via correr aos gritos, fugindo das bombinhas atiradas por eles dentro da choupana.

A aterrissagem de um bem-te-vi próximo à mesa do bar em que Camilo se encontrava o trouxera ao presente. O chope se tornou desinteressante, amargo e morno. Agora adulto, ao se lembrar das diversões pré-adolescentes, não sentiu qualquer prazer, mas pesar por delas ter participado.

A conta foi pedida e paga. Tal qual autômato, ele saiu a caminhar. Apesar de seu relógio marcar 18h27, no horário de verão, o astro-rei ‘atrasava’ a chegada da noite e o ansiado frescor que ela traria. O desconforto térmico, contudo, se apequenara frente ao mal-estar das reminiscências de Camilo. “Será que há algo que eu possa fazer para compensar todo o sofrimento causado a Elton Doido? Será que ele ainda é vivo?”

Há tempos Camilo se autoexilara de seu torrão natal; deixara a cidade ao completar dezessete anos. Menos de oitocentos quilômetros a separam de Brasília. Sete horas, aproximadamente, de viagem. Pensava matemática e psicologicamente sobre a experiência há pouco vivenciada.

Na manhã seguinte, bem cedo, rumava pela estrada. Sua atenção era dividida entre o livro, o celular e a paisagem da janela do ônibus. Algum tempo depois, cochilou.

Essa viagem seria do tipo bate e volta. “Vou sábado e volto domingo”. A bagagem coube na mochila: duas mudas de roupa e itens de higiene pessoal. Desceu do ônibus. Sentou-se em um banco da mesma lanchonete em que fizera a última refeição antes de partir de lá. Pouca coisa mudara. Ao menos ali. Pediu um pingado e uma porção de pão de queijo. “Definitivamente, não se acha pão de queijo tão bom quanto os feitos em Minas”.

Não sentia mais aquela, como sendo a sua cidade, ainda que nela tenha nascido, estudado e vivido boa parte da vida. Ela crescera. O comércio efervescia na manhã de sábado. A cor do céu é diferente; o ar também. Quanto ao calor, este se mantinha tal qual o de Brasília. “Seria o tal ‘El niño?’”. Pensou em procurar os amigos de outrora. Desistiu. Sabia que cada um tem seu próprio tempo. O dele era ali e agora. Não sabia, porém, o que fazer quando chegasse ao local a que se propusera a ir. “Deixa a vida me levar...”. Pôs-se a caminho, na direção do morro em que, sabia, ficava a cafua de Elton Doido.

Um misto de euforia e receio o invadiu ao avistar a choupana, ainda ao longe. Apressou o passo. Ao se aproximar, notou que o zelo ao redor do barraco não se mantivera. Mato alto ao redor. As paredes, agora vistas de perto, testemunhavam certo abandono. Bateu palmas, como se faz diante das casas anunciando a chegada de alguém. Esperou. Nada aconteceu. Mais alguns passos hesitantes e bateu à porta. Não estava trancada.

— Senhor Elton!

Silêncio como resposta. Sob um pequizeiro próximo à biboca havia um banco rústico, provavelmente feito pelo morador. Camilo se sentou à sombra, para aguardar. Os ponteiros do relógio cirandaram, ele sentiu fome e sede. Felizmente havia comprado algumas coisas na lanchonete da rodoviária.

Lenta e cuidadosamente, um encurvado e maltrapilho ancião descia do morro, apoiando-se em um cajado. Camilo o acompanhava atentamente. “Só pode ser ele!”. Aguardou que chegasse próximo à porta da choupana. “É ele mesmo”.

— Senhor Elton?

O velho se virou para ver quem o chamava. O olhar expressava o cansaço da idade avançada. Permaneceu estático. Será que o reconheceria tantos anos depois? Diante do prolongado silêncio, Camilo tornou a falar.

— Podemos conversar?

Um gesto que convidava Camilo a segui-lo ao interior da choupana respondeu à pergunta. Em seu interior, o fogão à lenha aquecia ainda mais o dia. Sobre ele, panelas enegrecidas. Entre essas, um bule, em que Elton introduziu um coador de pano já bem surrado; pôs duas colheres de grãos de café torrados e água prestes a ferver. “Nossa, que cheiro maravilhoso”.

Elton apontou uma cadeira à mesa e para lá carregou o bule e duas canecas de flandres meio amassadas. Encarou Camilo como a encorajá-lo a dizer a que veio.

Antes que a coragem lhe fugisse, Camilo abriu as compotas de seu coração e disparou a tagarelar. Disse quem era, confessou ser autor e cúmplice de muitos dos sofrimentos causados a ele, Elton, quando jovem; admitiu que praticamente esquecera-se dessa fase da vida, mas que, recentemente, sem atinar a razão, lembrara-se de tudo e isso lhe causara grande pesar; que decidira vir pedir perdão, pessoalmente, além de perguntar se podia fazer algo para compensar os maus comportamentos pretéritos e, ao mesmo tempo, purgar, minimizar seus dramas de consciência, depois que revisitara o passado e constatara quantas coisas ruins fizera àquele homem.

Elton o ouvia, enquanto bebericava o café. Sua expressão facial mantivera-se tal qual esfinge, enquanto, do outro lado da mesa, um ser humano nu de todas as máscaras sociais aprendidas ao longo da vida se desmanchava. Camilo depôs o rosto entre as mãos e chorou. Demonstrava profundo arrependimento diante de seu mudo interlocutor, que se levantou, abriu a porta de um armário próximo e entregou a Camilo ferramentas que serviam para a capina.

Camilo despiu-se da camiseta de malha e saiu. Trabalhou como se sua vida dependesse do que faria. Três horas depois, o exterior da choupana aparentava o mesmo capricho dos anos em que Elton tinha saúde e disposição para a tarefa.

Extenuado, mãos com bolhas e empapado de suor, Camilo retornou ao interior da choupana. Aproximava-se o crepúsculo e ele precisava retornar ao centro da cidade, a fim de conseguir um local de pernoite.

Naquilo que parecia ser uma cama, Elton dormia e ressonava. Camilo, sem se despedir, caminhou de volta à parte movimentada da cidadela, até encontrar uma pousada com vagas. O atendente, avaliando-o dos pés à cabeça, só venceu a negativa impressão inicial quando recebeu, adiantado, o dinheiro pelo pernoite, incluído o desjejum.

Depois do banho, roupa trocada, Camilo queria fazer um pouco mais por seu antigo flagelo. A ideia que lhe veio à mente, foi adquirir uma cama e presenteá-la a Elton Doido.

— Qual o endereço de entrega?

— Naquela choupana que fica no pé do morro, lado sul da cidade.

O atendente da loja coçou o cocuruto, meio incomodado. Camilo lhe disse:

— Se o problema for a dificuldade de acesso, eu pago um pouco mais para que a entrega seja feita.

— Não, não se trata disso. É que ninguém tem coragem de ir naquela cabana.

— O morador é esquisito, bem sei, mas pacífico, posso garantir.

De novo, o atendente estranhou a conversa.

— Senhor Camilo, as pessoas não gostam de ir lá por que têm medo. Desde a morte do doido que morava lá, há uns quatro anos, dizem que o fantasma dele perambula pelo lugar. Por acaso o senhor vai morar lá?

Verão na cidade

Alberto Arecchi

Vivia imerso em minhas pesquisas, meus sonhos, na ilusão de voltar para o estrangeiro, um dia ou outro. Cada vez mais sedentário, no entanto. Estava ficando velho, sozinho, em um apartamento no quarto andar de um bairro suburbano. A idade da reforma estava se aproximando rapidamente. Percebia que agora todas as minhas viagens e todos os meus sonhos poder-se-iam passar nesta cadeira, na frente do teclado do computador, nas noites sem dormir, quando a inspiração for propícia.

O verão, como cada pausa das atividades normais, como a época de Natal ou outras ocasiões de festas, é tempo amargo de pensamentos. A gente faz um balanço de sua vida, para dar contas apenas para si mesmo. O verão não significa férias, mas a solidão. Solidão e preguiça. A preguiça dominava sem contestação o passar do tempo, durante o dia, entre a televisão e o computador. Praias tropicais de longe sonhadas, apenas em uma tela de televisão. Viagens feitas só com o coração, para lugares com o mar sempre azul, onde as palmeiras curvam quase dobrando para o mar, como se estivessem se curvando diante das vagas, do recife, dum maremoto. Ninguém irá contar a vocês, no entanto, que as ofertas especiais sempre estão esgotadas, mesmo antes da sua chamada, ou valem, no máximo, para o armário de vassouras do grande hotel com piscina. Ninguém lhe diz que durante a viagem você perderá sua mala (mesmo que tenha uma) ou ela vai ser rasgada com ferramentas afiadas, para roubar até as camisas sujas.

É melhor então descansar em sua própria casa, nos dias quentes de verão que não têm nada a invejar, seja por temperatura ou umidade, aos pântanos e as florestas tropicais.

No dia você resiste, com um pouco de ar-condicionado, mas quando a noite vem...

A noite... Horror da noite.

Nos últimos tempos, a cidade tinha-se tornado cada vez mais insegura.

No bar, na esquina da minha rua, havia traficantes de drogas, sob os postes do parque. As luzes piscavam e se apagavam, gritos atrozes ecoavam na escuridão. Ao amanhecer, as calçadas estavam cobertas de sangue seco. Eu olhava, por trás da cortina da minha janela no quarto andar, durante as longas noites em claro. Sentia como um grande peso no meu peito e não conseguia respirar, era forçado a me levantar e - apesar de mim - tinha que voltar minha atenção para o mundo exterior.

Às vezes, eu abria a janela e a noite densa de humor enchia a sala da minha insônia. Não era mais o pesado aroma de jasmim, que eu tinha conhecido em minhas viagens em África. Era um epítome de fertilizantes químicos e fumos da refinaria, cuja chama triunfava alta, superando os contornos dos últimos prédios. No guincho de freios e nos suspiros de pneus em rotundas e rampas, parecia-me ouvir os gemidos de crianças prostitutas desconhecidas, evisceradas sob as árvores das avenidas.

Apenas a primeira luz da aurora, no céu de chumbo e atormentado pelas batalhas do mal, trazia uma pausa para minhas ansiedades. As notícias da manhã, no entanto, me diziam que a realidade era pior que qualquer de meus pesadelos ou fantasias. Todas as noites, no bairro, triunfava a horda da escuridão. Um toque de recolher contínuo.

Comecei a passar as noites todas na internet, em busca de um sonho, na vontade de esquecer o que acontecia na rua, debaixo da minha janela. Comecei a ir para algum site de bate-papo e de anúncios, pois me sentia atraído pelas figuras de dominadoras soberbas vestidas de couro preto, armadas com chicotes e outros acessórios incríveis, capazes de submeter qualquer homem à sua vontade, ao seu poder. Todas essas imagens de mulheres, bonitas e altivas como deusas, olhavam para mim a partir da tela e convidavam-me a mil perversões... Foi assim que uma noite quis realizar o contato com uma dominadora profissional, para pedir uma reunião. Eu não queria, no entanto, procurar na minha cidade. Parecia-me para manter a minha privacidade, com uma margem de autonomia, se eu contatar noutro lugar. Finalmente, decidi e liguei.

Depois de muitas hesitações e de algumas tentativas decepcionantes, conheci uma mulher que me conquistou. Era uma mulher de aparência normal, agradável, entre trinta e quarenta anos, mas isso me fazia pensar em uma menina: no momento de seu nascimento, eu já tinha me formado há alguns anos... Parece trivial, mas, nesses casos, é o tom da voz, no primeiro telefonema, que vai ganhar, muito mais do que as fotos de anúncios ou qualquer outro elemento. Tudo é imprevisível, nas relações entre homens e mulheres, especialmente as armas e técnicas da sedução.

A dominadora me conquistou com seu modo de fazer, mas especialmente com seus pequenos pés bonitos. Eles eram uma verdadeira obra-prima, e me deixaram louco. Foi um êxtase inalar o cheiro inebriante com ambas as narinas, beijá-los, senti-los na minha boca, e enquanto pisavam meu corpo vigorosamente. Eu sempre fora atraído pelo contato com um pé bonito de mulher, mas agora, depois de conhecê-la, logo percebi que não podia esperar até o momento de ficar com os dedos dos seus pés, como se fossem mamadeiras para sugar,

movendo a língua entre os dedos, em todos os recessos, e, em seguida, com paixão lamber as solas, os saltos, os tornozelos dela.

Aqueles, que poderiam parecer atos de humilhação ou depravação, tornavam-se para mim expressões de valor inestimável de amor e de prazer estético. Rapidamente se desenvolveu uma harmonia entre os nossos comportamentos. Percebia o entusiasmo, a alegria, o prazer que ela também sentia nesta forma de adoração de uma parte de seu corpo.

A mulher fazia-se chamar Melissa, uma alcunha de que ela gostava, mas certamente era um nome falso. Minha senhora me enfeitiçou assim que comecei a segui-la, mesmo quando se mudava para outras cidades. Eu era capaz de viajar até trezentos quilômetros, ida e volta, para passar meia hora debaixo de seus pés, ou fazer-me espancar impiedosamente com as mãos ou com um batedor, que infligia golpes dolorosos, até tornar meu rabo quente, todo roxo pelas espancadas. Ela gostava desta ação muito mais que da minha submissão a seus pés, ou melhor, as duas coisas eram complementares... O que dava prazer a ela, em breve, eu também gostava disso. Eu me sentia privado de toda dignidade. Gostava de brincar enroscado a seus pés, como um cachorrinho.

Eu gostava quando ela queria pisar-me com as plantas nuas de seus pezinhos, provocando-me com pontapés ou até mesmo picando a minha carne, com saltos altos, agudos e elegantes, enquanto eu estava deitado no chão do seu quarto ou no exterior, no gramado de seu jardim. Um lindo jardim, cercado por muros altos, reservado e não visível por forasteiros. A ideia de me atropelar ao ar livre era muito mais excitante para ela, e estava louca por me ver levantar, todo vermelho e suado pelo tratamento recebido, sujo de terra e folhas de grama. Quando ela tinha desejos especiais para desabafar, era capaz de empurrar-me com a ponta

da bota e fazer-me rolar, até as urtigas crescendo na parte inferior do jardim, perto de uma moita de bambu. A queima e a comichão eram então tão fortes que duravam pelo menos durante cinco dias, depois da nossa reunião.

Não era nada, porém, dessas torturas atrozes que a gente pode imaginar, quando ouve falar sobre essas práticas. Para dizer a verdade, eu nunca me pedi, nem quis pensar, se Melissa também fosse capaz de realizar, em mim ou em outros, atos mais cruéis destes, que pareciam a provocação adorável de uma criança mimada.

Como um menino namorado, eu costumava acordar suando na minha cama, no coração das noites de verão, pois só sonhava em beijar e tocar os pés de Melissa. Eu não podia voltar a dormir e a visão dela enchia meu cérebro, como se o despertar me tivesse afastado do refúgio de todos os prazeres.

Eu tinha que saborear as reuniões, com base na minha modesta renda. Quando o desejo de vê-la e fazer-me realmente subjugar, mesmo que por alguns minutos, tornava-se muito grande, enviava-lhe uma mensagem e corria ao pé dela, para fazer-me espancar, esmagar, sevicar.

Finalmente, o verão acabou. Tinha passado desfrutando (na televisão) muitas praias, de areia e coral, com coqueiros que sacudiam os ramos, no calor do vento das monções. Tinha conseguido beijar e chupar de passagem, mas realmente, os pés de uma bela loira, que gostava muito de me espancar. Tinha descansado, tinha sonhado e muito suado no calor escaldante das planícies. Acima de tudo, finalmente, eu tinha encontrado a minha patroa, capaz de exercer seu domínio sobre muitos bichinhos gananciosos e de me promover, de forma manifesta e oficial, apenas em uma dessas minhocas, com o título de uma confirmação irrevocável e definitiva.

Na noite passada eu sonhei em ser de quatro, na gaiola do leão. Minha babá estava vestida como uma domadora, muito elegante. Ela tinha um macacão colante, preto com riscas douradas, as coxas e as pernas longas embainhadas por meias arrastão com destaques de prata, botas de salto alto, empunhando um longo chicote, ameaçador, estalando a duas polegadas do meu corpo. Eu procurava, apesar das minhas qualidades atléticas modestas, esforçando-me para realizar os exercícios que ela ia-me ordenando, para cima e para baixo de um escabelo. Não me lembro se - no meu sonho - havia o público do circo, para nos assistir. Não vi, pois tinha olhos e ouvidos apenas para ela, a magnífica domadora. Seu cabelo loiro enchia todo o meu campo de visão, balançando no ar, com um ritmo hipnótico, sublinhado pelo rolo dos tambores.

Quando acordei na manhã seguinte, as imagens do sonho ainda estavam vivas em minha memória: imagens e lembranças exaltadoras. Eu sempre fora um pequeno animal de domar e, finalmente, senti que encontrara o meu lugar: de quatro, no meio do picadeiro, para fazer exercícios em um banquinho, sob o controle do chicote da minha cuidadora. Toda escolha, toda decisão é confiada a ela. Para mim, será suficiente apenas obedecer e executar suas ordens, e se eu não estivesse pronto era preciso sofrer o castigo assim merecido. Uma forma concreta de ser recompensado todos os dias dos meus erros, com uma forma de sofrimento ainda mais suportável, quase mais agradável, do que o isolamento completo em que passei nas últimas décadas.

O verão terminou, este ano, com um pouco de amargura e nostalgia dos passeios na cidade vazia e dos grandes suores noturnos. Este ano, no entanto, o verão mudou a minha vida e eu posso tomar os trabalhos do outono com energia renovada. Vou começar a temporada que vem em uma nova perspectiva, pronto para entrar em uma gaiola

aos pés de uma mulher, cuidadora e domadora experta, que sabe que pode ter totalmente em mim, a minha vontade, com um simples aceno, ou um piscar de olhos. Uma mulher consciente, como as damas de honra dos tempos antigos, que vai chegar à visão de seu tornozelo, descoberto e oferecido aos meus beijos, para me tornar seu escravo sem remissão, um capacho deitado no chão ao seu serviço, pronto para qualquer comando dela.

Vou passar minhas noites sonhando os pés de Melissa, a minha rainha.

Agradável brisa de verão

Ana Carolina Nogueira Machado

No verão parece que os dias são mais longos e alegres. É como se o Sol além de aquecer a nossa pele, aquecesse os nossos corações. Parece ser a época perfeita para longos passeios em parques ou em praias. O clima quente favorece as piscinas, sejam elas em clubes ou até mesmo as infláveis que fazem a alegria das crianças e dos pais delas.

Porém o verão não se resume somente a praia e piscinas. Ir a esses lugares é sem sombra de dúvida muito divertido e gera muitas histórias, principalmente quando se está junto com família e amigos. Porém o verão apresenta uma infinidade de possibilidades de diversão e algumas mais simples do que se possa pensar. Como, por exemplo, uma tarde de brincadeiras na rua.

Não que brincar durante uma chuva de inverno seja ruim. Até porque no coração da criança é um eterno verão e todo dia é dia de brincar. Mas se divertir em uma tarde ensolarada é muito mais legal e não tem o risco de pegar um resfriado. Sem falar que as tardes parecem nunca ter fim.

Hoje em dia as crianças não brincam muito na rua. Tanto devido aos tempos que andam perigosos, como por causa das novas tecnologias que podem ser acessadas do sofá de casa. Mas houve um tempo em que as tardes de verão eram cheias de crianças brincando e de seus risos de alegria.

Eram inventadas as mais diversas brincadeiras: esconde-esconde, queimada, bandeirinha, amarelinha entre outras mais. E até mesmo se brincava com balões de água, em uma visível tentativa de diminuir o calor. Mas essa época tão boa passou. Passaram-se vários

verões desde essas tardes, porém as lembranças de quem viveu essa infância continuam bem vivas em sua mente. E na vida adulta as lembranças dessa época tão doce e bela parecem voltar como uma agradável brisa de verão que diminui o cansaço da vida adulta.

Um doce de Verão

Meg Mendes

Mudanças são sempre um grande desafio, ainda mais se você largou seu emprego de anos e trocou de cidade para correr atrás de um sonho que pode não dar certo e você pode acabar se ferrando.

Deixar tudo para trás parecia loucura e acho que se fosse há um mês eu não teria feito, mas ver algumas recordações de minha infância e encontrar uma lista de metas que escrevi aos seis anos, mexeu comigo.

Então era tudo ou nada. Tinha dado um passo muito grande e agora não poderia voltar.

Estava parada numa esquina de uma cidade pequena, em frente ao imóvel de dois andares com uma placa de "vende-se".

Na parte de baixo havia um grande salão, onde eu poderia montar minha loja e em cima era um apartamento onde eu poderia morar. A construção ia precisar de reparos e muita criatividade para se tornar aconchegante, porém eu estava decidida.

— Olá, você deve ser a senhorita Ellen Freitas.

Eu estava distraída e não havia percebido que alguém se aproximava, o que me fez soltar um gritinho fino de susto.

— Sim, sou eu — respondi quando me recuperei.

— Desculpe assustá-la. Eu sou o Márcio Granelle, a imobiliária me mandou.

Fiquei olhando para aquele homem. Lindo, ele era lindo. Por um momento não soube o que dizer e apenas fiquei olhando.

— Vamos entrar? — ele me arrancou de meus devaneios.

Segui-o para o interior do imóvel. Ele ia à frente enumerando as qualidades do local.

De repente eu fui caindo de encontro a ele, que me segurou prontamente. Havia um degrau que eu não reparei e o chão descia ali.

Senti meu rosto corar com a proximidade de Márcio, seus braços fortes me segurando, seu hálito batendo em minha bochecha.

— Me desculpe! — me recompus da melhor forma possível.

Comecei a olhar por onde pisava para não passar mais vergonha. O imóvel não era perfeito, mas era o que cabia no meu bolso, então fechei negócio.

Era verão, eu estava animada com meu curso de culinária. O interior de São Paulo parecia ainda mais quente que qualquer outro local e para variar eu estava atrasada para a aula.

— Pessoal, vamos esperar a Ellen se acomodar. — o professor disse e todos olharam para mim. A intenção era entrar furtivamente, porém não deu certo. Eu fui rapidamente para uma das bancadas livres e coloquei meu avental e a rede de proteção para os cabelos.

A tarefa daquele dia era simples, um suflê de chocolate. Eu já tinha feito essa receita inúmeras vezes.

Coloquei a massa no forno e fui fazer uma calda de laranja que seria um diferencial para minha receita. Estava distraída mexendo a calda para que ela esfriasse logo.

— Quê cheiro de queimado é esse? — o grito do professor me trouxe de volta.

Saí de meu torpor e percebi que ainda não havia tirado o meu suflê do forno. Quando abri, uma fumaça escura subiu e se alastrou pelo lugar.

O alarme de incêndio começou a soar e os sprinklers foram ativados jogando água para todos os lados. O pessoal da minha turma começou a gritar e a correr desesperado tentando salvar seus pratos da destruição, mas já era tarde demais e eu fiquei parada em frente ao forno feito uma idiota.

Meu professor me olhava com raiva quando tudo se acalmou.

— Você acabou com a minha aula, sua maluca, quase pôs fogo na sala e ainda destruiu o trabalho de seus colegas. — o mestre Morello gritava comigo. — Você ficará e limpará toda essa bagunça.

Quando finalmente voltei para minha nova casa, estava exausta e tudo parecia um caos. Estava uma confusão ainda maior do que eu esperava. Estava no meio da reforma.

A parte superior daquele imóvel de esquina já estava habitável, e era onde eu morava atualmente. Porém, no salão que ficava embaixo, não conseguia vislumbrar ainda minha loja de bolos e o barulho de quebra-quebra, furadeira e marteladas tomava conta de tudo. Ainda teria muito trabalho pela frente.

Depois de ter me livrado das roupas sujas e encharcadas tomei um longo banho para tentar relaxar e esquecer o fiasco que foi a minha aula.

Estava começando a pensar que tudo aquilo era loucura e que foi o maior erro de toda a minha vida, quando a campainha soou.

Fiquei imaginando quem poderia ser, já que eu estava há pouco tempo na cidade e não conhecia ninguém. Abri a porta um tanto apreensiva, poderia ser um vendedor, um dos pedreiros ou um vizinho curioso. Para minha surpresa era o corretor.

— Boa tarde senhorita Freitas. passei para ver se está tudo bem com o imóvel.

— Está tudo ótimo. — Eu não conseguia me lembrar do nome dele. — Entre, por favor!

— Vejo que já arrumou tudo na parte de cima, senhorita Freitas.

— Me chame de Ellen.

— Está bem, Ellen. O que pretende fazer na parte de baixo? Pensa em locar?

— Oh, não. Eu vou montar minha loja. Foi por isso que vim para cá.

— Acho que você já ganhou um cliente.

Ele estava sendo muito fofo comigo. Queria conseguir me lembrar de seu nome, pois só o havia visto uma vez. Tinha o cartão dele em algum lugar, mas também não me lembrava de onde coloquei.

— Você aceita um chá? — perguntei a ele e sorri.

— Não quero tomar seu tempo.

— Fique tranquilo, não está tomando meu tempo. Eu volto já!

Fui para a cozinha e coloquei água em uma chaleira para ferver. Enquanto esperava, aproveitei para procurar o bendito o cartão de visitas do corretor.

O encontrei jogado na lixeira, eu não ia mais precisar dele, então simplesmente joguei fora. Peguei rapidamente, desamassei e li o nome: Márcio Granelle.

Terminei o chá e peguei na geladeira alguns bolinhos que havia feito na noite anterior. Voltei para sala e nos servi.

— Oh, Deus! Esse bolinho está maravilhoso. — Márcio disse, ainda de boca cheia, depois que deu uma mordida generosa.

— Eu fiz ontem antes de dormir!

— Queria que houvesse um lugar onde pudesse comprar coisas assim.

— Haverá!

— Que boa notícia, então é disso que se trata.

— Sim, vou montar uma loja de doces e bolos.

Conversamos por horas, percebi que tínhamos muitas coisas em comum e que ele era muito divertido. O mais impressionante era que Márcio realmente gostou dos bolinhos.

Contei-lhe do fiasco de minha aula e ele ficou curioso para experimentar o bendito suflê de chocolate.

— Vamos lá para cozinha.

E não é que o suflê saiu magnífico? A cauda então, nem parecia que eu tinha dado aquele vexame mais cedo.

Márcio gemia de satisfação a cada colherada e me elogiava muito.

Era o dia da inauguração e eu estava apavorada, ficava pensando que ninguém apareceria, que seria um desastre. Eu não conhecia muita gente, na verdade, não conhecia ninguém além de Márcio.

Desde que experimentou meus doces, ele se tornou um grande amigo. Ofereceu-se para ajudar com a loja e convidou todos que conhecia. O que era basicamente a cidade toda.

— Eu cheguei! — o ouvi gritar.

— Estou aqui nos fundos.

Estava dando os toques finais em alguns bolinhos de laranja. Ainda faltava duas horas para inauguração.

— Meu Deus, Ellen! Você está linda.

— Obrigada!

Eu usava um vestido rodado com estampa de cupcakes coloridos e um laço cor-de-rosa nos cabelos que caíam lisos até os ombros.

Aprontei os últimos detalhes, esperei pelo melhor.

Por incrível que pareça, muitas pessoas ficaram curiosas com a propaganda que Márcio fez de meus bolinhos. Quando vi a quantidade de gente, fiquei abismada. Jurava que meu mais novo amigo seria o único ali.

— Sejam todos bem-vindos à "Doce de Verão". Claro que doces são para comer em qualquer época do ano, mas no verão tudo parece mais colorido, assim como os meus bolos. — Fiz uma pausa com medo de falar besteira. — Eu espero que todos aproveitem.

Cortei a fita vermelha em frente à porta, Márcio insistiu em colocar lá, apesar de eu ter dito que isso era muito clichê de filme americano, e todos aplaudiram. Era uma sensação tão reconfortante, tão sublime que uma lágrima surgiu em meu olho, mas eu ainda não podia chorar.

Iniciei o coquetel servindo os cupcakes especiais com desenho de sol que havia feito. E mais uma vez parecia um filme, os bolinhos foram levados às bocas em sincronia e as mordidas eram esperançosas. Em sincronia também foram as cúspides e as caras feias.

Fiquei horrorizada e por um momento quis correr dali, todos haviam odiado. Àquela lágrima de emoção, se juntaram outras de tristeza. Eu tinha falhado.

— Ellen, os bolinhos...

— Eu sei, estão horríveis. — Márcio veio até mim e me interrompeu.

— Não, querida, eles estão salgados.

Ai meu Deus! Como pude fazer isso?

Mordi um e realmente estava horrível. Provei outro doce e constatei que estava bom.

— Pessoal, eu peço desculpas pelos bolinhos com sal. Eu devo ter me enganado por causa do nervosismo. Experimentem os outros doces e se não gostarem, receberão seu dinheiro de volta.

Todos riram da minha piada e se serviram novamente. Tratei de recolher a fornada defeituosa e levar para cozinha.

Márcio veio atrás de mim.

— Você é um sucesso.

Ele me ergueu e me girou. Quando me colocou no chão, manteve seus braços em volta de minha cintura. Estávamos muito próximos.

Largar tudo para trás e mudar de cidade pode parecer loucura, porém eu nunca saberia o que a vida tinha reservado para mim.

Agora eu sabia.

Um sonho de verão

Wilson Duarte

Era um destes dias escaldantes, próprio de um avassalador verão. Sem nada de importante ou urgente para fazer, resolvi ir à praia, quem sabe para "pegar um bronze". Escolhi um lugar não muito longe da água, onde finquei na areia meu guarda-sol. Passei meu bronzeador e ali permaneci por um bom tempo, observando o vai e vem das ondas. De tempos em tempos passava alguém oferecendo uma água, cerveja ou sanduíches variados. Nada, ainda, me apetecia. Solitário, queria apenas curtir o momento. Distante dali, a cerca talvez de um quilômetro, via-se uma pequena ilha, com algumas casas lá construídas. Absorto em meus pensamentos, raciocinava em como seria bom morar numa daquelas casas. O mar à vista todo o tempo, além da praia que também poderia ser vista, claro, de posse de um binóculo. Não estava a fim de nada, apenas curtir a água, a areia e milhares de pessoas sentadas conversando animadamente, andando ou correndo pela praia. Em determinado instante, próximo de uns quinze metros de onde me encontrava, divisei três moças sob o sol, conversando animadamente e rindo muito. Do quê, claro, não tinha eu como saber. Mesmo porque minha curiosidade não chegava a tanto. Continuei sozinho, por uma meia hora, eu, meu olhar e meus pensamentos.

Passava do meio dia quando, em determinado instante, olhei, por acaso, para o grupo de três moças. Notei que uma delas, pele bronzeada e dona de um corpo escultural, também olhava para mim. Falando algo com suas companheiras e me olhando, percebi que a conversa deveria ser a meu respeito. E isto se repetiu por vários momentos, de tal forma que, em determinado instante, fiz-lhe um

meneio de cabeça, cumprimentando-a. Para minha surpresa, ela levantou-se e dirigiu-se para onde eu estava e então começamos a conversar. Até então nada muito sério, apenas amenidades. Subitamente tive um ímpeto de beijá-la na face, fato que ela também correspondeu. Daí para abraços e beijos mais ardentes foi a sequência natural de nosso envolvimento. Também conversamos sobre muitos e variados assuntos. Porém, fui percebendo que se o tema fosse sobre ela, seus hábitos e costumes ou sua família ou ainda sobre outras pessoas, ela esquivava-se de responder claramente, saindo pela tangente, ainda que de maneira sutil e delicada. E assim permanecemos por várias horas juntos, até que, em determinado momento, suas amigas a chamaram, pois estava na hora de partirem. Nome, telefone e e-mail, nem pensar. Nada revelou. Apenas um "quem sabe uma próxima vez" e foi embora...

Seria ela compromissada, namorada, casada com alguém, é algo que nunca soube, mesmo porque, depois daquele dia, jamais voltei a vê-la. Mas ficou a lembrança inesquecível de algumas poucas horas felizes em que ambos passamos juntos...

Maomé e a Montanha

João Pedro Marques

O menino tristonho caminhou sozinho pelo areal da praia. Todos pareciam acompanhados e distraídos. Após muito caminhar, numa duna erma, encontrou um idoso que também parecia sozinho. Estava sentado na areia. Observava o mar. Nas mãos, tinha uma bengala. O menino sentou-se ao seu lado e também observou, chamando a atenção do idoso.

— Estás sozinho?

— Estou. E o senhor?

— Também. Não tens ninguém com quem vir à praia?

— Os meus pais trabalham muito. Costumava vir com a minha avó. Dava-me a mão e trazia-me até aqui.

— Tens sorte.

— No ano passado percebi que já não era ela que me dava a mão. Era eu quem dava a mão a ela.

— E agora, onde é que estás?

— Não sei há muito tempo. Fica deitada no quarto a ver televisão e os prédios e pássaros do outro lado da janela.

O velho sorriu:

— Não somos muito diferentes. Desde criança, assim que a chuva da primavera passa e o sol do verão brilha, venho até aqui. Mas parece cada vez mais difícil. Comecei a chegar cansado à praia. Depois, sentia-me cansado por percorrer um quarteirão, uma rua. Agora sinto-me cansado só por atravessar a estrada. Todos os anos, penso que não serei mais capaz, que terei de ficar no meu apartamento. Mas este ano ainda consegui. Talvez para o próximo ano já não seja assim.

— Não tem ninguém que o acompanhe?

— Tenho um neto da tua idade.

— Porque é que ele não vem?

— Prefere ficar em casa a ver televisão. Quando eu era da vossa idade, as pessoas saíam de casa para verem a natureza. Agora já não é preciso. A natureza entra pela nossa casa adentro.

O menino e o idoso levantaram-se e caminharam lentamente à beira-mar. Apanharam conchas e búzios, sentaram-se novamente para descansarem e construírem um castelo de areia e, quando o sol já se punha e a maré vazava, o menino arregaçou as calças do idoso e deu-lhe uma mão para ele entrar na água e sentir a água fresca nos pés. Até que a hora da despedida chegou.

— Espera. Tenho uma coisa para ti. — pediu o idoso, tirando algo do bolso. Era um búzio grande e refulgente. — Encontrei-o ontem. Pensei em levá-lo e tê-lo junto à mesa de cabeceira, caso não conseguisse vir até aqui. Podes ficar com ele.

— O senhor também vem amanhã?

— Amanhã talvez vá ao jardim. Ou ao monte. Mas é difícil.

— Eu irei consigo. Assim, será mais fácil.

*

O neto do idoso estava no mesmo sítio desde que o avô saíra: esparramado na poltrona, de comando na mão. De olhos vítreos, via um programa com animais selvagens e paisagens exóticas. Lá fora, os bandos de pássaros voavam e as pessoas fechavam os estores das suas janelas.

O menino chegou a sua casa ao mesmo tempo. A sua avó estava deitada na cama. Olhava pela janela. Era um quarto triste e vazio. O menino pensou que no dia seguinte lhe traria uma flor do jardim ou do monte.

— Olha o que eu trouxe, avó. — pediu ele, aproximando-se da cama.

A idosa virou-se com dificuldade. Esforçou a vista. Quando percebeu o que era, fechou os olhos e encostou o bázio ao ouvido e, subitamente, foi como se as ondas do mar tivessem entrado pela porta do quarto adentro.

No dia em que eu morri

Larissa Ferreira

No dia em que eu morri acordei de manhã, pontualmente às 06h35. Horário de Verão. Coloquei os pés no chão e senti um leve arrepio na espinha. Escovei os dentes, tomei um banho frio e pus meu uniforme passado e alinhado. Nesse dia não falei bom dia para meus pais, eles estavam dormindo quando eu saí.

No dia em que eu morri, não mudei meu trajeto. Andei trezentos metros até o ponto. Peguei o mesmo ônibus 6442 e não ouvi minha música favorita, ela não tocou no modo aleatório. Cochilei no caminho e não vi as árvores que estavam verdes e vibrantes pela estrada.

Entrei no terminal, comi um pão de queijo e tomei um café com leite quente. No dia em que eu morri, eu queimei minha língua. Li mais três páginas do livro “O jantar Secreto” no ônibus 75 (não terminei o livro, não saberei o fim). Mas o meu eu sei.

Nesse dia a manhã passou rápida. Não comi o lanche da promoção no almoço, na minha marmita havia dois ovos cozidos e um tomate. Até mesmo os sentenciados à morte podem escolher sua última refeição. Eu não pude. Planejei mais alguns detalhes da viagem que faria no final de abril. Faltavam apenas dois meses.

No dia em que morri não me desculpei com um amigo com quem não falava há mais de um mês. Eu não disse à pessoa que eu gostava que sentia sua falta, eu não reencontrei meus amigos de infância. O último refrigerante que tomei estava sem gás.

No dia em que morri eu falei com todos os clientes que haviam me solicitado informações, mas não falei com a minha tia que está grávida, nem com minhas primas menores. Eu não vi meu avô pela

manhã como de costume. Não disse que amava meus irmãos, na verdade eu não disse isso a ninguém, afinal, no dia em que morri eu não sabia que iria morrer.

Eu não cheguei a ter um filho para abraçar no dia em que morri. Eu não fiz grandes viagens. Eu era tão novo. No dia em que eu morri, eu nem sequer bebi, eu não transei.

Nesse dia eu estava lá apenas para morrer.

Enfim, ela veio. Devagar. Senti uma leve brisa enquanto ela chegava. Tive sorte de conseguir ouvir o início da minha segunda música favorita — Run, Daughter — a música parecia querer me avisar, mas com dois minutos e trinta e sete segundos da música, antes que tocasse a parte que eu mais gostava, ela chegou. Eu não a vi. Não se passou um filme da minha vida na minha cabeça como todos disseram que passaria. Ela só havia chegado, sem estardalhaços. Eu senti um leve gosto de sangue na boca e me fui. No dia em que eu morri estava sol e era verão.

Trinta graus e cobertor

Léo Ottesen

Meus pais sempre me proporcionaram muito amor e afeto, então não deve ser isso. Lembro-me das nossas férias na praia, entre piscinas e caiaques na lagoa, comendo chocolate demais — porque era Páscoa —, mas me lembro principalmente das brincadeiras, dos risos, dos abraços apertados... Não deve ser isso.

Também fui razoavelmente bem-amado pelos meus amores. Sofri muito, aprendi ainda mais, cresci. Ponto pra eles. Divertimo-nos como amigos e como namorados, brigamos como amigos e como namorados, nos despedimos como estranhos. Mas as memórias guardam um enorme amadurecimento pessoal, através das experiências, que não deve ser negligenciado, ainda que seu reconhecimento venha acompanhado da dura perda. Lembro-me de ter sido feliz e vivenciado histórias bonitas, tenho carinho por essas imagens. Então não deve ser isso.

Meus amigos, embora poucos, muito poucos e frequentemente ausentes, fizeram parte de mim. As madrugadas rindo e falando bobagens, às vezes à distância, pelo Skype. Fugindo da escola pra fumar na praça e jogar conversa fora. Indo acampar e pegando uma grande tempestade, quase se afogar na própria barraca, ter as bebidas roubadas durante a madrugada. Meus amigos também estão presentes positivamente. Nunca me deixaram faltar nada — exceto a presença. Não deve ser isso.

Vou repassando e rememorando e tentando explicar por que sou como sou, mas é tudo inútil. Talvez sejam mesmo aquelas coisas de vida passada, astrologia, energia, blá-blá-blá. Só pode ser isso. Porque eu não

consigo entender o motivo de, ainda que faça trinta graus Celsius, eu não conseguir dormir sem ser abraçado, ainda que apenas pelo cobertor.

Bate-volta

Patrícia Santos

Naquela tarde toda a família estava eufórica correndo apressada pela casa com seus cacarecos que abarrotavam as mochilas e as bolsas. Todos falavam alto e sorriam muito empolgados com a viagem que fariam logo mais, todos menos Verônica. Ela, ao contrário de todos, não tinha o menor interesse em fazer aquela viagem. Não gostava de sol, não gostava de areia, não gostava das companhias que iriam também no ônibus e não sabia nadar. Para ela aquela viagem seria um porre que duraria um dia eterno. Pegou somente o básico: o biquíni vermelho cavado que havia comprado há um tempo, mas que nunca teve coragem de usar, foi escondido no fundo da mala, itens de higiene pessoal, uns shortinhos, uma blusa larga com topzinho que provavelmente usaria em vez do biquíni, chinelos, toalha e, não poderia faltar, seu Rivotril pessoal, o celular e os fones de ouvido. Caso contrário, não sobreviveria àquele dia.

Débora, a irmã mais velha, não perdia uma oportunidade de zoá-la:

— Só vai levar isso?!—e tirando a blusa larga já dobrada que estava na mochila—Você parece um moleque. Assim não vai arrumar namorado nunca, mas vai arrumar uma namorada logo, logo.

Ao contrário da irmã, Débora ia com um arsenal, preparada para a guerra. Levou uma infinidade de cremes e maquiagens além de três conjuntos de biquínis: um vermelho, um azul e um amarelo. Segundo ela, de acordo com o seu temperamento escolheria a cor adequada lá mesmo.

Verônica ficava aborrecida, mas raramente respondia às provocações da irmã. Sabia que quanto mais demonstrasse estar chateada, mais provocada seria. A mãe, no entanto, sempre tentava apaziguar a situação:

— Débora, não incomode sua irmã e venha me ajudar a preparar os marmitex que levaremos, senão perderemos o ônibus.

Tudo pronto para a viagem, trancaram a casa e foram até a praça onde seria o ponto de embarque. De longe, Verônica avistou o ônibus e as pessoas que lá já estavam conversando aguardando os demais. O pai tratou de colocar as coisas mais pesadas no bagageiro: cooler para as cervejas, garrafa térmica, caixas de isopor, cadeias e guarda-sóis. O organizador da excursão corria de um lado para outro auxiliando as pessoas a guardarem as coisas no bagageiro, conferindo na sua lista quem faltava chegar, atendendo ligações e ligando para checar quem faltava. Verônica olhava passivamente as cenas e ouvia as conversas. Sempre as mesmas: histórias de praia, o que comeriam lá, o que fariam quando chegassem. Era um saco! E o seu salvador foi imediatamente sacado do bolso. Escolheu uma playlist e colocou o som no máximo. Sua irmã sentada ao lado conversava e mandava áudios impacientemente. Até que se levantou de seu lado e disse um “até que enfim” tão alto que mesmo com os fones, Verônica pôde escutar. Era o namorado Bryan chegando, finalmente, e que estava atrasando a partida.

Todos entraram no ônibus e o trajeto seguiu alegre para todos, menos para Verônica. Ao longo da viagem que durou a noite e parte da madrugada, no aparelho de DVD do ônibus, os passageiros revezavam-se na escolha da trilha sonora da viagem. As músicas escolhidas eram as mesmas, mudavam-se apenas os cantores. Ao fundo do ônibus sempre viajam aqueles que não dormiam e que iam conversando até a chegada

ao destino. Revezavam-se também no uso das poucas tomadas para carregarem os celulares, a disputa era grande:

— De quem é esse celular aqui? Já carregou vinte por cento. Vou colocar o meu que está descarregado - dizia um dos passageiros.

Verônica apenas revirava os olhos. Na poltrona atrás da dela, ia um homem que roncava alto parecendo engasgar-se no próprio sonho, mas isso não parecia incomodar Débora que estava sentada ao lado dela e dormia profundamente. O namorado ia em outra poltrona, por recomendação do pai das garotas que não queria que os dois sentassem próximos na viagem. Verônica recostou-se na poltrona e apoiou a cabeça na janela, olhando o escuro lá fora, desejando estar em sua cama confortável.

Quando chegaram ao destino, outra algazarra. Ao lado de fora dos banheiros formavam-se filas e mais filas de pessoas desgrehadas com toalhas nos ombros, caras amassadas, nécessaires nas mãos, alguns já traziam a escova com creme dental e tudo, presa nos dentes pelo cabo. Verônica era a próxima da fila a usar o banheiro, atrás dela estavam Débora e o namorado e mais atrás os pais. A mulher que estava no banheiro demorava e todos já começavam a reclamar. Quando finalmente saiu, Débora passou à frente da irmã derrubando seu nécessaire. Ainda com a porta entreaberta, ela olhou para a irmã e desdenhou:

—Eu vou demorar mais que você, por isso preciso de mais tempo. Você só vai escovar os dentes mesmo e sair - e fechou a porta sorrindo.

— É, você com certeza precisa de mais tempo - resmungou baixinho.

— Tudo bem com você, Verônica? — perguntou Bryan entregando a nécessaire suja de areia de volta à dona.

— Tudo, não se preocupe. Obrigada.

— Ela não faz por mal, eu acho. Ela só é meio... você sabe.

— É. Eu sei.

Ainda eram por volta das seis da manhã quando o ônibus chegou ao destino. Após desjejum, todos foram escolher um lugar para ficar, abrir os guarda-sóis, colocar as cadeiras. Débora havia escolhido o biquíni vermelho para o dia, sentou entre o namorado e a irmã. Os pais ficaram ao lado desta. Como não perdia uma oportunidade de implicar com a irmã, Débora soltou:

— E então, menino, você não vai colocar seu biquíni? Aliás, você não tem um, né? Então, por que não trouxe uma bermuda de surfista para combinar com esse blusão aí? A praia é democrática - disse rindo em seguida.

Verônica tinha um rosto com traços delicados, olhar bem expressivo e nariz definido. Não gostava de usar maquiagem, além de um batom nude que era seu inseparável companheiro. O cabelo era preso no topo da cabeça por um coque desgrenhado. Não era muito atendida à moda, usava o que via pela frente. Às vezes era necessário que a mãe lhe alertasse que deveria comprar roupas novas ou sandálias, caso contrário ela usaria os mesmos por anos. Débora, ao contrário, tinha uma infinidade de roupas, sapatos e acessórios. Passava horas assistindo tutoriais de maquiagem no YouTube. Foi assim que ela aprendeu a disfarçar o nariz que os colegas de sala tanto implicavam com ela. Quando menor, chamavam-na de nariz de batata e aquilo a irritava profundamente.

— Para já com isso, Débora. Viemos aqui para nos divertir. Não para você ficar provocando sua irmã — interrompeu a mãe.

O pai nunca se metia nas provocações da filha mais velha, aliás, ele até sorria de vez em quando dos insultos e apelidos que Débora criava. Para ele tudo aquilo eram coisas de adolescentes e que elas

mesmas se acertassem. A mãe, no entanto, sempre ralhava, mas era em vão.

No seu íntimo, Verônica apenas dizia: “só preciso aguentar até o fim do dia”. Em casa as provocações continuariam, mas pelo menos não precisaria estar obrigatoriamente tão próxima a ela como ali sob aquele guarda-sol. Verônica apenas recolocou seus fones de ouvido e contemplou a beleza do mar. Observou como as ondas se debatiam ferozmente e vinham até a areia da praia. A força do vento é responsável pela revolta do mar, é por meio da ação dele que as ondas são formadas. Quanto mais aquele age mais, intensidade há na resposta. As ondas ainda continuariam agitadas por mais algum tempo.

Débora e os pais resolveram arriscar e entrar na água. Verônica, como sempre, era a segurança dos pertences da família, e às vezes até de outros excursionistas que pediam o favor a ela de olhar malas e mochilas enquanto tomavam banho de mar. Naquele dia, porém, Bryan faria companhia a ela, pois não poderia tomar sol devido a orientações médicas.

De onde estava, Verônica podia ver a família afastando-se cada vez mais em direção à água. Ela tirou os fones, soltou o cabelo preso pelo coque, passou para a cadeira da irmã onde o sol pegava melhor, tirou a blusa larga que usava e os shorts, ficando apenas com o biquíni vermelho. Ela o usou enfim. Bryan ficou um pouco sem jeito, pois sempre que ia a casa dela visitar Débora, a via com roupas tão largas que nunca imaginou que por baixo haveria um corpo com tantas curvas.

—Você poderia passar protetor solar nas minhas costas onde eu não alcanço?-perguntou ela.

Bryan, um pouco trêmulo, mas parecendo desejar aquilo, tomou o protetor de suas mãos e começou a espalhá-lo:

— Você está nervoso? — perguntou ela provocando-o.

A pergunta o deixou mais nervoso ainda. Ela continuou, já que não houve resposta:

— Você pareceu preocupado comigo mais cedo, na fila do banheiro.

— É... algumas atitudes da Débora me irritam... Tem momentos em que ela age como se fosse minha mãe me dizendo o que fazer e como fazer.

— Ela é assim mesmo. Com todos. Mas você não precisa aguentar ela. Eu sim, afinal ela é minha irmã e família ninguém escolhe, infelizmente. Você não está espalhando o protetor. Está colocando em um lugar somente.

— Tem razão. Desculpe — disse, tentando disfarçar o nervosismo.

Os dois ficaram em silêncio até que ele terminasse.

— Pronto! Acabei!

Ela virou-se para receber o protetor de volta e seus olhos se cruzaram. Ele ficou estático, ela, no entanto, aproximou-se dos lábios dele e o beijou. Um beijo que começou timidamente, mas logo foi correspondido por ele intensamente. Após o beijo, ela levantou-se da cadeira e voltou para a sua. Ele fez o mesmo.

Ao longe, Verônica avistou a família saindo da água. Manteve os olhos fixos na irmã enquanto ela caminhava pela areia até que chegasse mais próximo e seus olhos se encontraram. Débora olhou para o corpo da irmã no biquíni da mesma cor que o seu e em seguida para o namorado procurando algo errado, mas não encontrou. Para quebrar a tensão do momento soltou:

— Olha! O menino resolveu usar biquíni. Mas tinha que ser igual ao meu?

Pela primeira vez, Verônica pensou em responder à provocação da irmã, mas lançou um olhar para Bryan que foi respondido com cumplicidade e preferiu calar-se, reconfortando-se com a ideia de que a resposta já havia sido dada. Colocou novamente seus fones de ouvido e recostou-se na cadeira olhando para o mar. Os banhistas já se arriscavam a nadar até mais longe. Àquela hora do dia, o mar estava mais calmo e suas ondas menos intensas. O mar, porém, não precisava provar para ninguém o poder que tinha nem o que era capaz de fazer, bastava-lhe apenas ser.

A moça que desce a alameda

Rodrigo Mendes

É da janela da sala de estar de casa que costumo ver a moça que desce a alameda. Foi a partir do primeiro dia deste verão, que iniciou com calor digno de quase nos assar vivos, diga-se de passagem, que avistei pela primeira vez, a moça morena. Sendo essa primeira vez suficiente para por meus sentimentos em desalinho. Não acreditava no conhecido por todos “Amor à primeira vista” que também, por muitos é desacreditado, mas confesso que a moça morena, mudou minha crença em relação a isso. Estou imaginando que foi amor à primeira vista, sim! Enfim. O certo é que quando a vejo, sou invadido de contentamento, a felicidade, que ao avistá-la, percorre minha mente, meu coração e tudo mais. Percebo a alegria tomar conta, inundando meu ser. Quando menos me dou conta, estou repleto deste sentimento, que sinto transbordar.

Para minha maior alegria, ela passa religiosamente quatro vezes da semana em frente de casa e desce até a praça, e segue sentido à ponte. Acompanho a moça com o olhar até perdê-la de vista. Comportada parece ser. Está sempre bem vestida. Quase sempre trajada de vestido, na maioria das vezes em tons claros, mas também há dias em que usa trajes mais escuros que contrastam perfeitamente com sua pele clara. Seus cabelos compridos, levemente ondulados são de um tom castanho escuro. Às vezes estão soltos, mas já os vi arrumados em outros penteados, que a deixam igualmente deslumbrante.

Foi na segunda-feira passada, acordei com vontade descomunal de seguir a moça, com intenção de descobrir onde era o seu destino. O dia seguiu e chegou o momento em que a moça passaria. Assim que a avistei, comecei a ficar nervoso. Ela passou. Mais depressa, atravesssei o

portão e endireitei meus passos na direção da moça. Segui logo atrás com passos medidos. Pude vê — lá virar a esquina na praça e como era de praxe, pegou a avenida em direção à ponte. Para minha surpresa, caminhou mais alguns metros e adentrou a casa de Dona Esmeralda, professora de francês e piano. O esposo de dona Esmeralda havia sido meu professor de clarinete. Voltei para casa com sorriso bobo no rosto e planos de no dia seguinte fazer uma visita a Dona Esmeralda, com intuito de conseguir alguma informação sobre a bela moça.

Algumas horas antes de a moça passar, fui a casa de Dona Esmeralda, com o pensamento de não demorar e logo voltar para casa e ver a moça passar. A companhia de Dona Esmeralda e Seu Damião, como se chamava seu esposo, sempre fora muito agradável e nessa terça-feira não estava sendo diferente. A conversa se estendeu e perdi a noção do tempo, quando percebi já era hora em que a moça passaria em frente de casa, seguindo seu destino, que seria a casa de Dona Esmeralda novamente. Antes de eu ter uma resposta, a porta se abriu e lá estava ela, a linda moça por quem meu coração estava se derretendo. Cumprimentou-nos com um sorriso amistoso e logo soube que fazia aulas de francês e piano com Dona Esmeralda. E para meu maior espanto e felicidade, a moça bonita se revelou sendo Aninha, neta dos anfitriões. Sim, a menina que eu passara a infância junto. Éramos amigos inseparáveis, lembrei. Fiquei maravilhado com a descoberta. Relembramos momentos nostálgicos do passado na cidade pequena no interior do estado onde nascemos. Havia se passado sete anos desde que fomos morar em cidades separadas, ainda éramos crianças quando Aninha foi para o exterior com seus pais. Logo quando Aninha seguiu para o exterior, também, não tardamos para deixarmos a cidadezinha do interior para virmos para a capital. Aninha estava muito diferente, eu diria irreconhecível. Realmente não a reconheci e estava de queixo caído

com a transformação. Aninha agora era uma moça formada, estava de arrasar quarteirão. Agora, ambos estávamos com dezoito anos. Soube que Aninha havia mudado para a capital, vindo do exterior, há pouco mais de um mês. A conversa seguiu animada. Aninha como sempre, conversando muito. Passou a contar, em resumo, como foi sua vida desde que nos separamos. Fiquei encantado com os detalhes de seus relatos sobre sua vida com seus pais no país estrangeiro. Seu Damião e Dona Esmeralda haviam se retirado para a cozinha, com o intuito de fazerem suco e preparar algo para comermos, deixando-nos à vontade sozinhos. Falei de minha vida na capital e que estava ansioso para poder mostra a ela a cidade. Aninha contou que o que mais ela achava falta, era do calor, e de minha companhia, modéstia à parte. Do calor de nosso verão, pois onde estava morando, a maior parte do tempo, a temperatura era baixa. E de mim, que era seu amigo inseparável. Aproveitando a deixa, convidei Aninha para tomar sorvete e passear pelo parque principal da cidade. Sendo esse, meu local preferido da cidade. Aninha aceitou sem objeções e acrescentou, que com o calor que estava fazendo, passaríamos o verão todo tomando sorvetes e conhecendo parques, e que queria fazer daquele verão, o elo de nossa retomada de amizade.

Dona Esmeralda voltou da cozinha, com uma bandeja contendo dois copos de suco de laranja, junto de biscoitos frescos. Serviu-nos e sem cerimônias, com ar brincalhão, emendou o que para mim poderia ser uma profecia, que sem dúvida torceria por seu cumprimento.

— Magnífico pensar que o destino tem dessas coisas, de reunir as pessoas e eu acredito que sempre há um propósito - disse Dona Esmeralda, olhando para mim, depois para Aninha e piscou.

Olhei para Aninha que me encarava sorrindo. Ruborizei de imediato. Mas maior que meu rubor estava sendo minha alegria.

No final das contas, não foi bem amor à primeira vista, pois conhecia Aninha do passado. O certo é que o verão estava só começando, assim como minha paixão por Aninha, que acredito, se depender de mim, se estenderá até meu último verão.

O Cachorro e a Moça numa Tarde de Sol

Paulo Luís Ferreira

Sob a sombra do guarda-sol e o fremente movimento da multidão, estava eu olhando o mar quando um cachorro veio tirar minha solidão. Que instante! Um cão desanuviou minha mente. Balancei a cabeça desacreditada de mim mesma, e ele o rabo de alegria. É bom estar acompanhada e é bom também que cachorro não fale. Às vezes o silêncio é melhor que ver e ouvir passarem os carros com pessoas destinadas. E eu sem sentido algum.

Pensando bem... Como os cães são felizes! Logo eu que vivi em tantos mundos cão. Muito embora os “cães” daquele meu mundo não soubessem balançar o rabo. Fitei-o e observei-o novamente. Seus olhos me pediam carinho. Mas como dar afago, quando eu não os tenho quase sempre. Mesmo assim, afaguei sua cabeça com o pouco da ternura que me restava naquele resto de tarde melancólico. Ele lambeu meus lânguidos dedos. Disfarcei, procurei não mais corresponder aos seus pedidos.

Olhei o horizonte, no zênite, no recôncavo da abóbada celeste. Por entre os dedos um punhado de areia fina esvaiu-se, como o tempo das horas numa ampulheta. Olhei o cão e olhei-me fechando os olhos vagarosamente. Pensei nos pedaços que eram resquícios de minha vida. Afundei-me em profundas recordações, reminiscências de uma vida atribulada. Quando expunha a existência de um mundo onde não havia retorno, mas apenas o substancial para o simples viver.

Carros zumbem na avenida. Voando para um mundo torto, jogado no escárnio do tempo. Para um sempre, talvez. Um pensamento, quem sabe... Uma manhã, uma tarde... Outro dia.

Mas o que importa? Se a falsa alegria encoberta uma dor oculta. A mente fétida, a alma poluída, um sorriso amargo, um gosto de fel, um céu negro, um mar sujo. Olho em volta e sinto o ser tenso. Indeciso. E pergunto-me: qual a razão das coisas? Quem advoga meu pensar? E a razão, em que fundo de poço haverá de estar? Que alma humana aloja verdades?

O que importa agora é o vento soprando meu rosto, afastar os cabelos e respirar fundo. Nada há muito tempo não me acompanhava a não ser roupas, perfumes, relógios, sapatos, brincos... Quando só a maquilagem sustenta meu riso, que de base em base se desfaz ao término da noite.

E tu cachorrinho, o que fazes de tua vida? Ela também é atribulada como a minha? Tu tens nome?... Não! Queres um? Deixe-me pensar... Vou dar um nome para ti... Pacífico! Você me pacificou. Nada mais justo. Sorte dos cachorros não ter que usar máscaras vienenses, nem estas estúpidas máscaras do cotidiano que devassam o ser e o sentido. Mas não importa, cachorrinho, tu não tens máscaras, nem eu. Tu és Pacífico e eu pacífica. Dá-me um beijinho no focinho... Hum, hum... Eu me perdi de mim e tu te perdeste de alguém?... Engraçado, e eu que poderia ter dito adeus inconscientemente ao que jamais me veio. Pensando bem, somos dois perdidos numa tarde suja de outono. Não, não estamos no outono... Hém?... No inverno? Não, seu idiota! Estamos no verão!... Não, não és idiota, não... Só um pouco bobinho... Tu é que tens sorte! Tiveste a sorte de me encontrar e eu que nem isso quero, encontrar alguém.

Olhei em torno à procura de uma luz que me pudesse guiar na imensidão dos pensamentos. As noites de verão de meu repensar chegam-me como restos de naufrágios. Nos verões, somos passíveis de imaginar as ilhas repletas de pássaros, as montanhas de mármore e

mortes. A lua transluzindo o seu brilho nas águas do mar... As ondas que quebram na praia e trazem consigo as palavras, e dentro delas repensamentos que me soam como algo nocivo. Lembranças vagas, mera semelhança com o passado, distante de tudo, perto do fim.

Ergo o corpo dolorido e saio andando. O mar espraia brisa e vento. Meus pés afundam na areia frouxa. Pacífico me acompanha por vinte e sete segundos. O suficiente para me aborrecer. Pois de pacífica eu não tenho nada. Tenho muita paciência. Então gritei: vá embora, Pacífico! Suma de minha vida você também! E fui embora pela esquerda da vida, à direita do Mar Atlântico.

Nem sei se aquela tarde, aquela noite, esta madrugada são mesmo de verão!

Se fosse o Criador

Rodolfo Guimarães Neves

A Praia de Carneiros é um paraíso na Terra. Foi eleita uma das dez praias mais belas do Brasil. A presença da praia na lista, aliás, era a maior evidência da lisura da seleção. Não havia como ser diferente.

Apesar de estar totalmente cercado do que havia de mais belo no mundo, Bernardo estava absorto no seu *smartphone* num daqueles joguinhos de simulação de mundos. Sua irmã, Carina, com os abelhões óculos de sol, entregava seu corpo a Apolo, deitada sobre uma toalha ao lado do irmão. O bronzeado ia ficar perfeito, como toda aquela paisagem deslumbrante.

Passando o protetor solar nos braços:

— Vai ficar o dia inteiro nesse aparelhinho, pirralho? Não vai sair debaixo desse guarda-sol?

— Não enche. — Respondeu secamente sem tirar os olhos do quadradinho iridescente.

— Hum... — Carina voltou a se besuntar com o filtro solar.

Virou de bruços e tentou cochilar. Passados mais uns trinta minutos, olhou de esguelha para o irmão e viu que ele não tinha sequer cruzado as pernas ou levantado o rosto, que ainda se inclinava como se usasse um cabresto, totalmente direcionado aos bonequinhos que vagavam na tela colorida.

— Ô moleque, já tá virando zumbi. Se mexe, caramba. — Falou sua irmã, dando um tapinha em sua perna.

Mas Bernardo apenas sussurrou qualquer coisa, que mais pareceu um grunhido.

Carina levantou—se de sobressalto e puxou o celular das mãos do irmão.

— Garoto, agora tô falando sério, vai dar um mergulho, uma volta, pega um sol e deixa essa brancura azeda que está te adoecendo.

Bernardo num susto se armou para responder com socos, mas tão logo ouviu o pequeno discurso da irmã, engoliu a raiva e disse:

— É o *Mundamex3.0*, estive esperando meses para jogar esse jogo. Devolve. É sério.

— O que te faz querer tanto jogar esse jogo?

— Criar mundos e nações, ver planetas inteiros evoluindo. Isso me empolga.

— Tá muito pobrezinho isso. Me fala, se você fosse o próprio Deus. Que tipo de universo criaria?

Como a questão realmente interessava Bernardo, resolveu dar corda à discussão.

— Ah, sei lá... acho que criava umas energias, umas cores, fazia as coisas explodirem, aqui e ali.

— Hum... só?

— Umass massas e colunas de fogo e luz, circulando pelos lugares. Um monte de raios e rochas em constantes choques e transformações. Uma fonte de poder fantástico que tudo domina. Seres fantásticos, vagando entre os espaços. Monstros terríveis destruindo—se em lutas incríveis. Tudo sendo criado e destruído o tempo todo, no meu império do poder e da força geradora! — No final, Bernardo até se empolgou um pouquinho levantando o braço com o punho cerrado em sinal de força.

— Sei. E termina por aí? — A essa altura, Carina voltava sua atenção ao esmalte de suas unhas da mão esquerda e, com a outra,

procurava alguma coisa na internet no celular que retirara das mãos do irmão.

— Uma parte desses seres deveria ter a capacidade de me conhecer. Eles iriam me adorar, vendo que sou legal.

— E se eles não tivessem nem aí pra você? — Continuou sua irmã.

— Sei lá. Acho que iria perder mais tempo vendo as colunas de luz e os monstros lutando.

— Tá. E se eles comessem a se destruírem e se escravizarem. Se matando com fúria e desrespeitando você e sua criação?

— Eu descia e botava moral.

— Ah tá. Toma, vê se não se esquece de colocar o protetor solar antes de entrar na água. — Disse a irmã ao levantar a caminho do mar, batendo o celular contra o peito do irmão, que o segurou rápido para não deixá-lo cair.

Bernardo não entendeu muito bem as palavras de Carina, mas pegou o celular e já ia abrir o jogo quando viu uma seleção de imagens colocadas por ela na área de trabalho: galáxias, estrelas, nebulosas, formações de nuvens, furacões, o sol, nascendo e se pondo, montanhas e praias, insetos, leões e zebras, cobras e ratos, sapos, tubarões e peixes, pessoas e cidades, incêndios, guerras, carnaval, uma festa matuta, um luau, as areias e os coqueiros de Carneiros, o belo mar azul e, ao fim, a cruz sobre a igreja da praia.

Embaixo escrito em itálico: “*nem você, nem teu joguinho medíocre chegaram minimamente perto.*”

Bernardo fitou tudo aquilo por longos segundos. Suspirou, levantou-se e começou a tirar a camisa observando toda a maravilha do lugar, sobretudo o mar azul.

Poema Romântico de Verão

Paula Franco

Aquele azul do mar
Que insiste em se encontrar
Com o céu, também ele mar,
De nuvens a flutuar
E o meu poema a pensar
Que o verão foi feito para amar

Você que é tal qual o céu
E eu que sou o seu mar
Onde é permitido se afogar
E quanto mais fundo mergulhar
Mais de mim você irá encontrar

E o sol imponente e lindo,
Naquela tarde de verão infindo
Sorriu para o nosso beijo de amor
A magia acabou nos incluindo
Naquele cenário perfeito
Que é o verão visto do Arpoador

Solares II

Anderson Mahin

Quando você amanhece,
há luz no meu peito
Durmo sob o sol,
sem desejar sombra

Na pele e nos poros

Ariane Ubiski Fagundes

Corando o rosto
Mais do que o Sol
Veio alterando o clima.

Eu senti na pele
O vapor do suor
Escorrendo nos dedos.

Eu senti o calor
Fervoroso dos olhos
Esquentando a temperatura.

Lugar mais úmido e quente
Do que o da sua boca
Desconheço.

E os beijos
De tão molhados
Pareceriam banho de chuva.

Mormaço abafando
Causando e dilatando
Por todos os poros.

O verão sempre foi assim

Desaguar das sensações
Sinônimo do que você é para mim.

Verão

Aldirene Máximo

Todos verão
Que o Verão
É mais envolvente:
Amar é um verbo quente!

Beijamos e abraçamos com mais intensidade
Há tanto calor,
Há tanta emoção,
Diferentes são as batidas do Coração.

O calor,
Que faz o sangue borbulhar,
Transborda a Alma
Não conseguimos respirar.

Ah, distribua abraços quentinhos
Dê carinho
Às crianças que não têm lar.

Aos animais sem abrigo
Aos idosos
Que procuram amigos.

Não se esqueçam
Que tudo é passageiro

Que esta estação
Não ficará o tempo inteiro.

Organizem festas ao Luar
Em frente ao Mar
Não deixem de sonhar
Traduzam o verbo Amar!

Num país tropical...

Daniela Genaro

Vocês verão
o sol derretendo os coqueiros,
verão as folhas amarelando nas gavetas,
as flores enfeitando os passeios
e, talvez ao longe,
verão a neve agasalhando os pinheiros.

Num país tropical,
a cada nova estação,
vocês, verão!

Verão

David Ayuch Amar Neto

Palavra de origem latina
Veranum Tempus se diz
É como se fosse uma mina
De tempo muito feliz

É uma estação bem no meio
De outras duas estações
Flores com suporte de esteio
Folhas com suas retaliações

Estio é o seu sinônimo
Torna a vida mais quente
O frio é seu antônimo
É um delírio frequente

Finalmente chega a majestade
Campos verdes chegarão
Apesar de muitas tempestades
Eis que chega o Verão

Reverência

Diego Matheus de Menezes

Como em educada reverência
inclina-se o obstinado geoide
e com um cumprimento prostrado
banha-se com os feixes iluminados
que penetram, lavam e derretem
os gélidos lamentos dos habitantes,
pulguinhas minúsculas e falantes
que reclamam do frio de outrora.

O desengonçado trambolho que baila
a girar em eterno gracejo,
espera paciente em seu ciclo
o breve momento, passageiro
que cora, aquece, revigora
uma de suas faces rechonchudas.

E nesse eterno instante
as pulguinhas a celebrar exaltam:
“Ah, chegou o Verão!”

Amizade em cinco atos

Edih Longo

Ato I – Nascimento

Um homem para e observa o outro, ambos com o horizonte no olhar,
o vermelho alaranjado do Sol que corre para nascer no Oriente,
deixando-lhes apenas a emoção no ar.

Viram-se para novamente observarem a si mesmos e à frente:
“linda paisagem, como o verão é brilhante!” suspiram juntos,
com os cliques uníssonos das máquinas fotográficas.
Sorriem da coincidência de terem uma foto única
e se apresentam com um aperto de mão.

Nasce uma amizade.

Ato II – Coexistindo

Aos finais de semana: caminhadas e tênis de manhã.

À tarde pescam namorados.

À noite jantam os peixes com as mulheres,
ao som de tintins e músicas que dançam, enamorados.

Os pequenos rastejam pela casa.

Por causa da profissão, um vai para outro país.

O amigo visita uma primeira vez.

Ato III – Separando

Por causa da rotina, deixam de se ver.

Problemas diversos. Filhos pequenos. Filhos crescendo.
Filhos adolescendo. Filhos amadurecendo. Netos chegando.

Amizade é algo para ser fomentado. Para se estar juntos.
Quando os interesses se partem como um espelho quebrado,
por mais que se tente colar,
a marca da cola nos mostra que nada será como o original.

Ato IV – Esvaindo-se como o pôr do Sol

Encontram-se quando as cãs nevam as cabeças.

Entre várias interrupções, tentam se lembrar de mil drinques...
ah, daqui a pouco eu lembro... já bebidos...Aquele verão foi demais!
Tentam se lembrar de mil festas e viagens curtidas...nossa, foi muito
legal
aquela que fomos para Belém da... Palestina ou será que foi do... Pará...
quando mesmo?

É a inevitável idade em que se volta a ser um bebê de mil perguntas.
E assim as horas vão passando por não se lembrarem que com elas
a vida também vai se despedindo e se perdendo nas reticências.
E tentando se lembrarem de tudo, terminam por não se lembrarem mais
daquele lindo pôr do Sol que os uniu.

Ato V – Fim

Na parede mais visível da sala de estar de ambos,
um ocaso enquadrado e já envelhecido saúda qualquer recém-chegado.
Ainda esperam o verão, pois é mais um dia de vida e do Sol tão desejado!

Verão de minha infância

Edvan Ferreira Cajuby

Tardes de Verão
De minha infância.
Quintal em festa.
Brincadeiras de criança!

Barulhos de crianças;
Debaixo da sirigueleira.
Sorrisos, gritos, explosão.
No banho de mangueira.

A água da mangueira sai.
Molhando todos, numa grande festa!
Sobe procurando o sol e ao céu vai.
Voltando a cair, molhando nossos corpos,
Começando pela testa.

Desciam cascatas de gotículas coloridas,
Refratadas pelo sol, virava arco-íris.
Tardes de Verão, era assim a nossa vida.
Todos brincavam muito felizes.

Pétalas de gelo

Emanoel Santos Fernandes

É tarde e o verão não chegou no meu mundo
as flores murcharam e a vida chorou
as águas perderam seu brilho, acabou...
Os pássaros todos cantavam sem rumo...

Andei nas estradas do medo sem luz,
procuo o calor que me acende em paixão,
meu beijo sofrido reclama o verão
sem esta estação... minha vida na cruz.

Meus olhos bem tristes via a Terra ferida
lançando suas lágrimas quentes no vento,
e a rosa, cansada, exalava a partida.

Agora só temos lembranças falhadas,
são pétalas soltas perdidas no tempo...
Por que não vivi meu verão com risadas?

Fardo de Fantine

Guilherme de Macêdo Feitosa

Amordaçou-se a esperanças
e convenceu a si própria
de que não sonhava um sonho.
Apenas esperava o verão chegar.

Verão

Thiago William Rodrigues

Um astro em pleno auge,
De envergadura invejável.
Se expõem com harmonia,
Centelhando suas chamas.

Sorte para as belas praias:
O verão convida ao passo.
Azar para pravos desertos:
Castigador de vis cidadãos.

O sol alado e onipresente,
Ordena todos às sombras,
Numa graduada natureza.

Há quem se rebela ao tom:
Prefere o calor da estrela,
Pulando carnavais alegres.

Bem-vinda

Guilherme Ferreira Silva

Oh meu bem

Seja, novamente

Bem-vinda

E então venha

Que o frio dói

E às vezes

Chamo de saudade

Logo nessa idade

Que parecia ser

Só inverno

Você trouxe verão

Então venha

E nós verão.

Claros

Hélio Carlos da Silva Júnior

As goiabeiras carregadas de frutos
E as chuvas quase diárias confirmam:
É chegada tua partida.
É fim de férias, retorno de viagem,
Volta às aulas, contas de casa e carnaval,
Sempre fervendo!
Faz calor dia e noite, meu Deus, como pode?
As sensações flutuam na estação,
Vozes altas, fulgor de encontros
E o sorvete apressado, derretendo e pingando.
Suas cores são várias,
Porque uma somente não consegue
Abarcar todo tudo marcado de dezembro a março!
Eu vejo seus tons claros
No dia amanhecendo, no céu limpo,
Nas nuvens da chuva e noite que se demora chegar.
Não existe um dia que não convide ao passeio,
Em estrada ou letras, sonhos...
Todos os aromas são leves:
Perfumes de frescores, cheiros de frutas,
Odores do sal da praia e nós,
Saldando saúde em água, suco ou cerveja,
Tudo o mais gelado possível!
Ah, que calor é esse?!

Quando o coração é de Sol

José Renato Ferraz da Silveira

O verão é uma orgia de sabores, corpos, cores e sensualidade.

Mergulho nos teus braços,

Afogo-me em tua boca,

Salivo.

Saúdo teu corpo moreno, suado e ardente.

Mulher, do riso manhoso,

do beijo gostoso,

Mulher...Ah! Mulher!!!

Vem me abraçar,

vem me beijar,

o verão é breve e passageiro.

Minha pressa e prece é estar contigo de novo.

Sol pleno

Vitor Aparecido Pereira da Costa

A tua alva luz que - do firmamento - desaba
Banhando de vida o que ainda é opaco
Seduz qualquer perdida penumbra
Que — em tumbas — adormece em ilusões

Ó deus cristalino, que atravessa estações
E permanece vívido em perene verão
Revigora os sulcos da minha tez embrutecida
Restaura o vigor das minhas cãs

Tens o privilégio celeste
De conviver com as nébulas de algodão
De prover calor à frigidez terrena
És - do fulgor - que nutre a existência

No ébrio aroma dos Campos Elíseos
Tu forneces — às relvas — alimento vital
Se — no mundo — ainda há encanto
Deve-se ao pranto dos teus feixes

Tu reges a imensidão do universo
Com inexpugnável imponência
És o maestro dos planetas
E dos poemas em extinção

Dos teus efêmeros amores
O outono é amante inconstante
O inverno, utopia distante
A primavera, dulcificada quimera
O verão — porém — é paixão atemporal.

O próximo verão

Tiago Arauto

Pelo cinza diante da janela.
Agora melancólica estação.
Algures lembranças dela.
Seu beijo quente de paixão.
Sobre a areia, ninho de amor.
O luar clareia as ondas de calor.
Venha logo o próximo verão.

Num sorriso, abraço da brisa.
Num passeio peguei sua mão.
Pelo sentir sempre se improvisa.
Uma frase bonita, uma declaração.
Clima que incendeia as paixões.
Fogueiras que embalam canções.
Venha logo o próximo verão.

Havia mais cores e opções.
Mesmo o suor era excitação.
Raios de sol, miríades de amor.
Seu nome dentro de um coração.
Mas percebo, logo vem a primavera.
Aos poucos vai acabando a espera.
Venha logo o próximo verão.

Um amor de verão

Thaís Costa Almeida

Naquelas noites quentes
sonhei, até a madrugada.
Sonhei em ter alguns
momentos pra colecionar
na alma.

Era verão em meu coração,
o sol raiava dentro de mim,
Eu queria encontrar algo que buscava,
E encontrei você
naquela noite de verão.

Não me esquecerei das estrelas
a nos fitar em cada instante
em que caminhamos juntos
sob a luz do luar,
sem nem saber
o que era amar!

E aquele sentimento
foi brotando,
de uma forma que pensei:
É ilusão,
É só um romance de verão.

E o que parecia ser
tão simples,
ficou complexo
virou amor!
O que pensei ser
apenas um romance de verão,
virou raiz,
brilhou como o sol
e fez morada no meu coração!

Ode ao verão: areia, mar, sol e ondas

Tauã Lima

Areia, Mar
Sol, raios a bailar
Rodopios no ar
Ondas a dançar

Depois de muito caminhar,
Fardos pesados a carregar
A areia, os meus pés podem tocar
Sinto ter asas para voar

Uma leve brisa a soprar
Sinto lufadas de vento a meu rosto beijar
Gotas de água à minha face estão a molhar
Minhas narinas são inundadas pelo cheiro do mar

Areia, Mar
Sol, raios a bailar
Rodopios no ar
Ondas a dançar

Uma onda quebra,
Outra onda quebra
Vagalhões sem fim a arrebentar
As ondas não param de bailar

À minha pele, um raio de luz a tocar
Afagam-me os raios do sol crepuscular
Quanta vida está no ar
Quando liberdade no verão a bailar

Areia, Mar
Sol, raios a bailar
Rodopios no ar
Ondas a dançar

Lá e cá, cá e lá
Cá, dança a vida sem par
Lá, a liberdade se move sem par
Cá, um vento sopra ímpar
Lá, as ondas dançam de forma singular

Areia, Mar
Sol, raios a bailar
Rodopios no ar
Ondas a dançar

O verão traz tons a encantar
O azul celeste do mar
O amarelo e o laranja colorem a alvorada
O vermelho tinge o crepuscular

Uma ode festeja o raio solar
Quanta vida a saborear
Quanta liberdade a aproveitar

Quanta paz a gozar

Areia, Mar

Sol, raios a bailar

Rodopios no ar

Ondas a dançar

Verão

Silvia Ferrante

Incendeio-me

é verão

solto as amarras do meu coração

atiro-me

atiço-me

vou ao encontro de toda vida que há

aproveito desse calor

seduzo e deixo-me seduzir

sonho, aliás, deliro

vivo de muito prazer

lambuzo-me

uso e abuso

de todas as delícias

de todas as safadezas

que habitam em mim

Sonhar, verão serei?

Paulo Ismar

Sonhei um verão sem fim
Feito de versos quentes
Como a tua boca
Que sopra tormentas
Para dentro de mim

Desejos fizeram redemoinho
E quando percebi
Um tufão de prazer
Se alvoroçou neste peito
Outrora tão sozinho

Sonhei um verão sem fim
Mas breves são meus equinócios
Mesmo tão quentes versos
Insistem retornar
Inclemente inverno em mim

Oh! Verão, minha terna ilusão
Não sejas mero sonho
Não esperais o calendário
Para aquecer com tua luz
Este deserto e frio coração.

Soneto de verão

Nanci Otoni

Verão, momento de grande alegria
À beira da praia em sua companhia
A água de coco refresca a garganta
O pôr do sol sela nossa aliança.

Barulho das águas nos entenece
Queijinho gostoso nos apetece
Viver a vida de amor com você
É um dos momentos que não fenece.

Calorão, praia, mar, sol e arrebol
Tudo se torna amor ao seu redor
Há um refrescante vento ao norte,

Pois estar ao seu lado é muita sorte
Agradeço tudo isso ao deus Netuno
Que trouxe do mar você, meu futuro.

Ele é verão

Melory Diniz

Quando você chega é tipo verão
Derrete o gelo e o coração
Fica tudo quentinho parece ilusão
Vem com tudo traz aquela sensação
De calor, sabor, frescor
Não dá para explicar, até você chegar
A vontade é mergulhar, nadar
No seu olhar, cor de mar
O sol irradia tanta luz
Você vem e traduz
Cada palavra que se formou no céu
Uma a uma no papel
E me faz sentir como se pudesse ouvir
Tudo o que penso e não digo
Tudo o que guardo de você aqui comigo
Deitamos na areia sem hora e pressa
O dia acabou, a noite começa
Acordo e sinto gosto de mar
Nem vimos o dia passar
Você me diz que precisa ir
Me pede mais uma vez para sorrir
Leio o papel com palavras de céu
Me deixou o verão
Cada pedaço do seu coração
Para eu ter sol mesmo quando escurecer

Para que eu sempre consiga saber
Que quando você voltar
O sol vai brilhar
O mar vai se agitar
E vai ser no seu olhar
Mesmo quando partir
Ele não deixa de existir
Está aqui e é sempre verão
Em cada pedaço do seu coração

Amor de Veraneio

Mateus Pedrozo Oliveira

Eram tempos de sol
Brilho ardente presenteava-me
Perseguido pelo girassol
Vindo ao solstício acariciava-me

Era vontade de sair ver o mar
De molhar os pés na água salgada
De se apaixonar e bronzear
Construir com areia no exercer do nada

Deixava para trás mais um equinócio
Fortificava a paisagem
Com seu tom alaranjado e dócil
Fazia-me lembrar de sua mensagem

Quando me disse de coração
Que retomaria a visitar-me
No começo do verão.

Uma carta para o verão

Marina Gomes Silva

Noites de verão me fizeram andar por ai
E me imaginar em qualquer lugar,
Onde durante o dia, fizesse ainda mais Sol
E a luz entrasse forte por cada cômodo e janela.

Noites de verão me faziam suar, beber em festas
E por fim, conhecer o amor.
(O verão fizera me apaixonar).

E lembro-me bem das tardes de infância,
Quando as senhoras colhiam no pé frutas
E com seus temperos cheirosos,
Preparavam o jantar.

Cheio de cor, luz e ternura.
O verão é a estação que me fizera cantar, escrever,
Amar e chorar.

E então pouco tempo digo.
(pouco tempo para se amar)
Afinal, os dias quentes pareciam bem menores
Que os dias pálidos do inverno.
E assim anseio por sua volta.
Todo ano, a cada hora.

Meu amor
E o verão.

Nuvem de algodão

Leverton José Veríssimo

No sol poente que morre logo ali
Me vejo laranja como um raio de brilho
Te toco com cuidado, não desmanche
Minha nuvem de algodão.
Meu pedaço de verão.

Sinto o cheiro de chuva na terra
E provo o sabor de sentir o seu gosto
Em seus olhos há uma tempestade
Minha nuvem de algodão.
Meu pedaço de verão.

Eu choro amargurado pelo entardecer
E o sol morre no horizonte
E morro com a lua a subir no céu
Me segure
Minha nuvem de algodão.
E que não acabe este verão.

Sobre os autores

Alberto Arecchi: Nascido em 1947, é um arquiteto italiano, mora na cidade de Pavia. Presidente da Associação Cultural Liutprand (site: <https://www.liutprand.it>). Escreve contos e poemas em diferentes línguas e tem participado de concursos literários em italiano, português, espanhol e francês, ganhando prêmios, com novelas e poemas. Contato: alberto.arecchi@libero.it.

Aldirene Máximo: Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo. Contato: writer.aldy@gmail.com.

Ana Carolina Nogueira Machado: nasceu em Belém do Pará, em 1997. Estuda Biomedicina na UFPA. Participou da Antologia “Meus poeminhas infantis vol 2”; Antologia “Estelar”; Antologia “Cultive o pólen da vida 2 poesia”, entre outras. Em 2018, ficou em segundo lugar no Prêmio Vip de Literatura. Contato: anacarolina877@gmail.com.

Anderson Mahin: Poeta nas horas produtivas e Advogado nas horas vagas, nascido no longínquo Séc. XX, em 1992, o autor originário de Cosme de Farias, periferia de Salvador (BA), busca nas suas escrevivências negras e suburbanas criar novos caminhos para a poesia. Contato: menezes.anderson@gmail.com.

Ariane Ubiski Fagundes: Autora brasileira. Contato: auf_nanyane@hotmail.com.

Daniela Genaro: professora por profissão e poetisa nas horas vagas. Por muito tempo, foi a única leitora dos seus versos. Apenas recentemente passou a publicar em revistas e antologias. Participar de concursos literários aumentou ainda mais sua vontade de ler e escrever poemas. Contato: danigeaguiar@gmail.com.

David Ayuch: Professor da área de Exatas (Física e Matemática) que escreve textos e poesias por considerar que é uma maneira mais eficiente de manifestar os diversos tipos de emoções e sensibilidades de um ser humano. Contato: davidamarneto@gmail.com.

Diego Matheus de Menezes: é um poeta, contista, sociólogo, jiquiriçaense e soteropolitano por empréstimo. Contato: ego.matheus@gmail.com.

Edih Longo: é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi. É

dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, foi agraciada recentemente em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro. Contato: edillongo@yahoo.com.br.

Edvan Ferreira Cajuby: nascido em Senhor do Bonfim — Bahia — Brasil, filho de Joana Maria dos Santos. É professor da rede pública municipal de Senhor do Bonfim há 21 anos. Contato: edvancajuby@hotmail.com.

Emanuel Santos Fernandes: Minha biografia tem mais de mini do que de bio, tenho 23 anos, tenho parentes professores, hoje sou universitário por desafio, escrevo poemas amaldiçoados e amaldiçoado fui por reconhecimentos. Contato: emanueltopazio95@gmail.com.

Evandro Valentim de Melo: Brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador; e escritor. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e “Causos” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Possui premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Participa de diversas antologias. Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Guilherme de Macêdo Feitosa: Transferindo sua vida de cidade a cidade devido ao ofício de seu pai, desde cedo, sofreu com a impossibilidade de manter relações até encontrar a poesia, em que pela primeira vez encontrou um espaço onde conseguia, enfim, perpetuar sua voz, movimento e desejo. Desse modo, ainda que tenha tido muitas casas ao longo da vida, seu lar nunca deixou de ser a Arte. Contato: guilhermemfeitosa4@gmail.com.

Guilherme Ferreira Silva: Doutorando em direito na UFMG, mestre e bacharel em direito pela PUC-MG. Professor de direito na FASEH. Advogado e assessor técnico-legislativo. Contato: Guilherme.direito@yahoo.com.br.

Hélio Carlos da Silva Júnior: Nascido em Valença (RJ) e residente em Volta Redonda (RJ), estudante do curso de licenciatura em química por ser professor por paixão e químico por consequência. Amante das letras e tudo o que podem fazer, começou a escrita como modo de organização dos pensamentos; hoje vê essa atividade como algo integrante de si, mesmo que ainda engatinhe no ato de escrever. Contato: heliocsjuniorp@gmail.com.

João Pedro Marques: Nasce em 1989 em Alcobaça, onde passa a sua infância e adolescência. Aos 18 anos, muda-se para Lisboa. Licencia-se em Cinema pela Escola Superior de Teatro e Comunicação do Instituto Politécnico de Lisboa e depois Línguas, Literaturas e

Culturas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conclui também um mestrado em Linguística pela mesma universidade. Durante o presente ano, iniciará um doutoramento na área de ciências humanas. Atualmente, trabalha como professor de português como língua estrangeira na embaixada da Indonésia. Além da literatura, dedica-se igualmente à ilustração e à música, compondo, escrevendo, tocando e cantando, procurando agora seguir uma carreira profissional nesta área. A sua página de artista pode ser consultada em www.facebook.com/joaooliveiramusica/. Contato: john.olivetree@gmail.com.

José Renato Ferraz da Silveira: Nascido em São Paulo, no ano de 1978. Professor Associado I do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/RS. Doutor em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É autor de quatro livros (Sob o signo da Fênix, Sob o signo das Valquírias, A tragédia da política em Ricardo III, A tragédia da política em Ricardo II). Contato: jreferraz@hotmail.com.

Larissa Ferreira: Sobre os fatos variáveis, vinte e quatro anos, moradora da cidade de Alumínio. No mais, não há uma definição de estado, estágio ou fase. Quando estiver lendo já não serei mais a mesma que escreveu. Poderia ser tudo que me descrevo, mas poderia também não ser. Isso não deve ter tanta importância. Cada um tem de nós o que queremos que tenha, nesse caso sobre fatos invariáveis, autora do conto 'A Saga de José - Um pacto com seu demônio interior', me limito a ser filha da Sra. Marta e do Sr. Jair, irmã mais velha de Gabriel e Guilherme. Eles têm um pouco de mim e eu sou cada um deles também. Isso deve ser o suficiente. Contato: larissajaine1@hotmail.com.

Léo Ottesen: escritor e poeta gaúcho, natural da cidade do Rio Grande. Autor dos livros: “mas enfim” (editora Clube de Autores, 2015); “para eles: poemas dedicados” (idem, 2016); “Caio: a primavera das pessoas” (editora Multifoco, 2016); “Sobre sete cores brilhantes” (editora Amazon, 2018). Contato: ottesen.leo@gmail.com.

Leverton José Veríssimo: Tem 19 anos e vive em Capela do Alto, uma pequena cidade do interior de São Paulo. Cursa Letras na Universidade de Sorocaba. Passa longas tardes enfiado nos livros e com papel e caneta em mãos. Pretende seguir carreira literária e viver de suas palavras. Contato: levertonjose@hotmail.com.

Marina Gomes Silva: Tem 17 anos. Ama o verão e isso é um pouco engraçado, já que quando era pequena o detestava e aguardava sempre a chegada dos dias frios, mas acha que ao crescer, toda a luz e as cores dessa estação fizeram-na mudar de pensamento. Conheceu as antologias através da internet, procurando lugares para expressar as coisas que sente, já que sempre fiz isso: escrever é a sua forma de se expressar. Aqui está, então, sua declaração para esta estação que tanto ama. Contato: mahgomes791@gmail.com.

Mateus Pedrozo Oliveira: Tem 20 anos, é nascido e criado em Sorocaba, escreve desde que descobriu os diferentes gêneros de poesia, no ensino médio. Nesse meio tempo teve alguns blogs, escreveu algumas peças e produziu alguns textos para eventos. Atualmente escreve frases para sua página no Instagram “O Livro Negro”. Contato: matheus98po@gmail.com.

Meg Mendes: é autora brasileira. Contato: daniele.fleite@gmail.com.

Melory Diniz: mora atualmente na cidade de Itatiba interior de São Paulo, a qual adotou como cidade natal desde muito pequena. Amante dos livros desde a infância sempre adotou a escrita como parte do dia a dia. Há alguns anos, os textos criaram forma de poesia, as estrofes, versos e rimas vieram com tudo mudando totalmente a forma de identificá-la como escritora. Encantada pela natureza e com um amor especial pelo céu, sua primeira premiação foi em 2018 com a obra “Chuva”. Escrever é vivenciar cada letra, tornar cada palavra um sentimento, capaz de viajar o mundo e chegar a todas as criaturas. Contato: melorydiniz@yahoo.com.br.

Nanci Otoni: mineira, nasceu em 1964 na pequena cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. Perdeu o pai muito jovem. A mãe, Ana Oliveira Otoni, era contadora de histórias. O mundo fantástico da imaginação e o prazer de estudar foram o legado herdado pela autora que adora ler, escrever e contar histórias. Formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia. Exerce os cargos de professora de Língua Portuguesa e Orientadora Educacional em escola pública do Estado de Minas Gerais. Poeta premiada em concurso literário em sua cidade é ainda convidada a escrever poemas para eventos culturais em seu município. Lançou o seu primeiro livro: “Os fios da vida” em 2017. Contato: nanciotoni@hotmail.com.

Patrícia Santos: é brasileira, licenciada em Letras e graduanda em Direito. É natural de Teresina no Piauí e reside em Timon no Maranhão. Desde criança é fascinada pelo mundo da leitura e da imaginação, mas só recentemente começou a escrever por hobby. Iniciou sua escrita com roteiro de peças teatrais para apresentações escolares, daí pegou gosto pela escrita de histórias. É autora de romances e contos com temáticas diversas e recentemente seu conto *Atelier* foi vencedor do concurso de contos e livro da FFC Book Editora. Contato: patty_gnr@hotmail.com.

Paula Franco: Escritora iniciante possui duas obras em curso no Wattpad: Poemas Para Quem Amou Demais e Pequenos Poemas Para Grandes Desassossegos. Pode ser encontrada no Insta @poemaspoeminhas. Solta lá pedaços de poemas tal qual pólen ao vento. Contato: princesadocavaleiro@gmail.com.

Paulo Ismar: Nascido em Alegrete/RS, no dia 25 de fevereiro de 1968, ao som dos tamborins de um domingo de carnaval. Profissional de Marketing por necessidade e também porque gosta. Dublê de escritor e poeta nas horas vagas por necessidade (da alma). Às vezes participa de concursos literários, já tendo sido publicado em algumas coletâneas de contos e poesias. Ainda não teve coragem de escrever um romance, por receio de se entregar de corpo e alma à escrita. Contato: pauloismar68@hotmail.com.

Paulo Luís Ferreira: é natural de Recife/Pe. Nascido em 17/07/1953. Fotógrafo de profissão. Graduado em História e Geografia. Como escritor, escreveu para teatro, e ganhou o “Prêmio Estímulo à Literatura”, pela Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo. Outros contos foram publicados pelas Revistas Literárias: “Tantas Letras” e Ponto e Contraponto. Publicação nas revistas virtuais: “Literalmente Intrigante” e “Literalivre”. Menção Honrosa: Concurso Miau de Literatura com o livro de contos “Os Malefícios do Humor” pela Editora Costelas Felinas. Menção honrosa no “Prêmio Bunkyo de Literatura; têm contos editados pela Big Time Editora. Selecionado e já editados nas Antologias: Inverno, Amor, Primavera, Terror e Natal, por esta mesma Editora, Jogo de Palavras. Tem um Romance, “Um Suco de Laranja Sem Açúcar com Hortelã”, e “Século XXI”, (contos), disponível em (www.clubedeautores.com.br) Contato: pluis.177@globomail.com.

Rodolfo Guimarães Neves: Nascido em Olinda (PE) em 01/11/1979, Advogado licenciado, Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo e com pós-graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão Pública pela Universidade de Pernambuco, atualmente trabalha como servidor público no Tribunal Regional Federal da 5ª Região. Teve um poema e dois contos selecionado nas antologias “Poesia Agora-Inverno 2018” e “Conto Brasil” (primeira e segunda versões), respectivamente, da Editora Trevo, assim como um poema na antologia de 2018 selecionado para a Antologia da CNNP da Editora Vivara. Foi premiado com a trilogia completa do livro “O Senhor dos Anéis” de J.R.R. Tolkien, num concurso literário do antigo sítio IGler, do portal IG – Internet Grátis no início do milênio. É autor de roteiro de história em quadrinho de ficção científica, que, por sua vez, está em fase de desenho e elaboração em Recife-PE. Contato: rodolfogn@hotmail.com.

Rodrigo Mendes: Natural de Telêmaco Borba, interior do Paraná. Cursou duas faculdades, sendo Gestão da produção industrial e filosofia, ambas não concluídas. É músico autodidata, precisamente clarinetista. Tem dois contos publicados em antologias, pela editora Porto de Lenha e editora Andross. Contato: watchcello@gmail.com.

Silvia Tereza Ferrante: Nasceu e vive em São João da Boa Vista - SP. É cantora, compositora, produtora de shows e fotógrafa premiada. Escreve desde sua adolescência e possui 2 romances ficção, 1 livro de contos e 3 livros infantis editados. Várias vezes premiada em Concursos Literários, é Membro da Academia de Letras de sua cidade, eleita em 2008.

Sempre muito procurada para proferir palestras em Escolas, Universidades e Instituições em geral. Fala principalmente sobre Música e Literatura. Contato: silviaferrante2@gmail.com.

Tauã Lima: Doutor e Mestre em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Professor Universitário dos Cursos de Direito e de Medicina da Faculdade Metropolitana São Carlos. Autor dos Livros: “Segurança Alimentar & Nutricional em pauta”, Segurança Alimentar & Nutricional da região sudeste” (no prelo) e “Versos, Inversos e Outros Escritos”. Contato: taua_verdan2@hotmail.com.

Thais Costa Almeida: Tem 21 anos, é da cidade de Soledade-PB, estudante de História, apaixonada por livros, ama escrever. A escrita para ela é uma forma que encontrou para expressar os seus sentimentos, os seus sonhos, as suas tristezas e suas ilusões. Contato: thais11costa@hotmail.com.

Thiago William Rodrigues: é um jovem professor de História. Nascido no interior de Minas Gerais, numa cidade contemplada pelo rio Velho Chico, foi criado pela mãe e pelo avô, onde aprendeu a respeitar e ser um homem de respeito. Morador de bairro pobre, teve infância cheia e física, brincando de futebol, pipas, pião, bola de gude, pique esconde e outras traquinagens de contato. Herdou a simplicidade, bom senso e o humor de sua mãe, ao passo que absorveu a tranquilidade, o silêncio e os dizeres sábios do avô. Atento as contradições sociais que o cercava, foi ao Estado de Goiás cursar História, onde teve contato com autores verdadeiros e revolucionários. Contato: thiago.crf.rn@hotmail.com.

Tiago Arauto: Aprendeu a ler aos seis anos de idade. Depois, tendo herdado o gosto de sua mãe pela leitura, passou a ler muito, desde centenas de gibis, dos quais fazia coleção e anos mais tarde, livros de filosofia. Depois começou a se interessar por música. Então começou a compor e cantar no estilo Rock tendo feito parte de duas bandas e hoje ainda compõe e canta, mas se dedico mais à poesia. Escreve mais seguindo a temática existencialista e o cotidiano. Contato: superaothiago@yahoo.com.br.

Vitor Aparecido Pereira da Costa: Nascido em 26/04/1990, cinéfilo por natureza, explorador de sinônimos, apaixonado por poesias, colecionador de vírgulas, apreciador das músicas dos anos 80, das obras de Machado de Assis, de vinhos. Escritor nas cinzas das horas, graduado em Engenharia de Produção, mas que decidiu seguir por outras veredas. Atualmente, encontrou-se no ramo educacional, como professor de matemática. Também possui a imensa pretensão de publicar uma coletânea de contos ou poesias. Contato: vitorf6@hotmail.com.

Wilson Duarte: Graduado em Comunicação social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP. Participa regularmente de antologias publicadas pela AEPTI — Associação dos escritores, poetas e trovadores de Itatiba/SP e pela Litteris Editora/RJ, além de participação

na antologia Literatura de Outono, Ed. Jogo de Palavras/SP. Teve também trabalho de Mestrado publicado no livro Comunicação e Sociedade, Volume 1, da Cortez Editora e anteriormente foi correspondente no Brasil da revista KO Mundial, editada na Argentina. Contato: widuf@bol.com.br.

**OBRA PRODUZIDA COM EXCLUSIVIDADE PARA A
EDITORA JOGO DE PALAVRAS, EM ABRIL DE 2019.**